

**ETEC JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
ENSINO MÉDIO COM HABILITAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICO EM
ADMINISTRAÇÃO.**

EDUARDA DA ROCHA PINHEIRO
HELOÍSA MARQUES PEREIRA
MARIANA YUKIMI ISHIGAKI

MACHISMO NA SOCIEDADE ATUAL:
Impactos na indústria cinematográfica

**DIADEMA
2025**

EDUARDA DA ROCHA PINHEIRO
HELOÍSA MARQUES PEREIRA
MARIANA YUKIMI ISHIGAKI

MACHISMO NA SOCIEDADE ATUAL:
Impactos na indústria cinematográfica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Ensino Médio integrado ao técnico em Administração da ETEC Juscelino Kubitschek de Oliveira, orientado pelo Prof.º Me. Rodolfo Ângelo Correia Gerstenberger, como requisito parcial para obtenção do título de Ensino Médio integrado ao técnico em Administração.

Diadema
2025

EDUARDA DA ROCHA PINHEIRO
HELOÍSA MARQUES PEREIRA
MARIANA YUKIMI ISHIGAKI

MACHISMO NA SOCIEDADE ATUAL:
Impactos na indústria cinematográfica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Ensino Médio integrado ao técnico em Administração da ETEC Juscelino Kubitschek de Oliveira, orientado pelo Prof.º Me. Rodolfo Ângelo Correia Gerstenberger, como requisito parcial para obtenção do título de Ensino Médio integrado ao técnico em Administração.

Diadema, 28 de novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Rodolfo Ângelo Correia Gerstenberger

Prof.

Prof.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversos entes queridos, dentre os quais nós agradecemos;

A nós mesmas, pela coragem, pela paciência, pelo enfrentamento das dificuldades mesmo após os dias mais cansativos, pelo nosso esforço, pelos nossos erros e aprendizados. A construção da nossa amizade, cumplicidade e irmandade foi essencial para a construção do nosso TCC e para o enfrentamento de todos os obstáculos enfrentados durante este percurso.

Aos nossos amigos e entes queridos que durante esse processo nos apoiaram e nos encorajaram a seguir em frente. Somos gratas pela alegria que nos trouxeram nessa longa jornada acadêmica, vocês foram essenciais para enfrentarmos os desafios que passamos.

Agradecemos profundamente aos nosso orientador Rodolfo Gerstenberger e professor Robson Divino que nos trouxeram conhecimentos, instruções e ensinamentos valiosos que certamente iremos carregá-los para o resto da vida. Muito obrigado pela paciência durante esses anos, vocês nos demonstraram o verdadeiro significado de ter amor pelo ato de ensinar.

Por fim, agradecemos à figura essencial deste trabalho: todas as mulheres, que, ao longo de toda a existência da humanidade, enfrentaram desafios, romperam barreiras e construíram caminhos de coragem e resistência. Agradecemos também a todas aquelas que, em algum momento da história, lutaram pelos nossos direitos, permitindo que hoje possamos dissertar acerca deste assunto.

RESUMO

Este trabalho se propõe a compreender a forma em que as mulheres são percebidas dentro da sociedade contemporânea e como isso impacta na maneira em que são inseridas em grandes obras cinematográficas. Tem como objetivo analisar de que modo a visão social sobre a figura feminina reflete em sua representação em produções audiovisuais. Mais precisamente, visa-se apresentar como o tratamento dado historicamente às mulheres moldou a percepção do conjunto social sobre as mesmas e de que forma esse fato é refletido nas telas durante a evolução do cinema, além de deixar em evidência como a influência da sétima arte corrobora com a permanência de estereótipos e tratamentos que tem como intuito inferiorizar o grupo feminino na atualidade. Através dos dados obtidos pela pesquisa de campo, é possível maior entendimento sobre o modo em que o tema é percebido pela parcela participante do estudo, a qual, majoritariamente, demonstra uma percepção sobre a diferença de representação quando se trata de gênero dentro das obras de grande alcance apresentadas nas telas de cinema, ainda que seja notável uma necessidade de maior conhecimento sobre o tópico abordado, o que deixa em explícito como essa desigualdade de tratamento na ficção é algo do qual necessita de maior visibilidade e divulgação no meio social.

Palavras-chave: mulher; cinema; misoginia; segregação de gênero.

ABSTRACT

This study proposes to understand the way in which women are perceived within contemporary society and how this impacts how they are inserted into major cinematographic works. It aims to analyze the way the social view of the female figure is reflected in their representation in audiovisual productions. More precisely, the goal is to present how the treatment historically given to women has shaped society's perception of them and how this fact is reflected on screens during the evolution of cinema, in addition to highlighting how the influence of the seventh art corroborates the permanence of stereotypes and treatments intended to inferiorize the female group today. Through data obtained from field research, a greater understanding is possible regarding how the topic is perceived by the participant portion of the study, which, predominantly, demonstrates a perception of the difference in representation when it comes to gender within the wide-reaching works presented on cinema screens, even though a need for greater knowledge on the addressed topic is notable, which makes explicit how this inequality of treatment in fiction is something that requires greater visibility and dissemination in the social environment.

Keywords: woman; cinema; misogyny; gender segregation.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Questão problema	9
1.2	Objetivo	9
1.3	Justificativa	10
1.4	Metodologia	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	A cultura do machismo na sociedade	12
2.1.1	Violência de gênero	14
2.1.2	Machismo no Brasil	16
2.1.3	Feminismo: Lutas e conquistas atuais.	18
2.2	O cinema e a representatividade social	20
2.2.1	O cinema e sua evolução	20
2.2.2	A representatividade no cinema	22
2.2.3	O cinema brasileiro.	24
2.2.4	Representatividade no cinema brasileiro	26
2.2.5	Obras importantes	26
2.3	A presença da mulher no cinema	28
2.3.1	Ausência na indústria cinematográfica	29
2.3.2	Estereótipos e a sexualização da mulher	31
3	PESQUISA DE CAMPO	37
3.1	Análise da pesquisa quantitativa	37
3.2	Análise de pesquisa qualitativa	48
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
5	REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1 INTRODUÇÃO

A definição machismo surge do espanhol “macho”, enquanto o pensamento surge desde as antiguidades, e teve sua evolução ao longo das décadas, se expandindo cada vez mais. Enquanto a misoginia, diz respeito à repulsa, à aversão, ao ódio contra as mulheres, que se manifesta através de discursos de ódio, de diversos tipos de violência e da discriminação. Essa ideia de homens sendo superiores às mulheres tem raízes desde antes mesmo da Grécia antiga, portanto, esse preceito sempre esteve presente na nossa sociedade, passando de geração para geração, impedindo mulheres de evoluir e beneficiando homens, além de moldar atitudes e comportamentos da população em geral.

Para o sociólogo e filósofo francês PIERRE BORDIEU (1999) a dominação masculina é uma violência muitas vezes disfarçada, que não podemos sentir e é naturalizada pela sociedade. Esse conceito de violência evidencia a forma que o machismo se manifesta no cotidiano de maneira implícita, mas que impacta a sociedade de diversas formas.

Ademais, no mercado cinematográfico essa situação é vista de forma evidente. O cinema não engloba apenas o diretor, mas sim uma equipe profissional como um cineasta que se refere a qualquer profissional envolvido na criação de um filme. Dentro desse conceito estão englobados os diretores (responsáveis pela interpretação do roteiro), os roteiristas (responsáveis pela criação do roteiro), produtores (garante que o roteiro escrito será filmado), entre outros.

Desde os primórdios do cinema as mulheres sempre tiveram papéis desmerecidos. Ao longo de sua história, essa indústria reflete e reforça a desigualdade de gêneros e nota-se o agravamento devido ao machismo enraizado na sociedade atual. Porém, apesar das lutas segundo um estudo da revista FORBES sobre empregabilidade do sexo feminino nos filmes mais populares de 2022 “as mulheres eram 22% dos diretores, roteiristas, produtores, editores e cinegrafistas”, além de que nas obras os homens possuem a maior quantidade de papéis principais desde a origem do cinema onde as mulheres mesmo com muitos esforços escrevendo histórias, dirigindo filmes tiveram sua história apagada pois foi contada na visão masculina.

Dessa forma, mesmo a mulher tendo um papel fundamental nessa indústria a exclusão feminina nesse mercado reflete de um problema estrutural de muitos séculos atrás. A sub-representação feminina tanto nas profissões por trás dos filmes quanto em papéis relevantes sem a presença da misoginia e sexismo impostos, limitando os espaços femininos na indústria, sua valorização e reconhecimento desse trabalho. Diante do exposto, este trabalho visa expor a restrição feminina em cargos relevantes, estereotipados e submissos que foram impostos desde a criação do cinema, refletindo em uma sociedade misógina e a dominação da figura masculina.

1.1 Questão problema

De que forma o machismo na sociedade reflete na exclusão de cineastas e protagonistas femininas, e na sexualização e estereotipação de personagens em grandes produções cinematográficas?

1.2 Objetivo

O trabalho aqui desenvolvido tem como objetivo analisar a sociedade machista que impacta não apenas na ausência de protagonistas e profissionais femininas que atuam na produção no mercado cinematográfico, mas também na representatividade de maneira sexualizada e estereotipada. Evidenciar o sexismo, a misoginia e o machismo, como discursos que além da narrativa impactam também a indústria do cinema visto que, a ausência e a má representação de protagonismo feminino nas produções cinematográficas refletem um sistema que privilegia a visão masculina, limitando histórias e oportunidades para mulheres dentro e fora das telas.

Ademais explicitar esta ausência como a sexualização e estereotipação machista que influencia diretamente a falta de representatividade feminina em filmes e séries, e identificar e analisar discursos, imagens e narrativas que reforçam o argumento.

De maneira específica se tem como objetivo:

- Analisar a representação das figuras femininas em obras cinematográficas evidenciando as problemáticas de sua influência sobre a sociedade.

- Explicitar ausência, a sexualização e estereotipação decorrentes do machismo em sociedade que influenciam diretamente a representação e a falta de papéis femininos em filmes e séries.
- Correlacionar a visão sociocultural discriminatória que historicamente influenciou a representatividade das minorias, incluindo as mulheres no cinema e a evolução dessa realidade ao longo das décadas.

1.3 Justificativa

Desde o surgimento do cinema em 1895 o protagonismo feminino vem sendo completamente desvalorizado. (UFES, PIONEIRAS DO CINEMA, S.D). "Desde os primórdios do cinema, as mulheres estiveram presentes escrevendo, dirigindo e produzindo filmes. No entanto, a sua participação foi frequentemente apagada da história oficial da sétima arte." Por conseguinte, este meio de comunicação continua tendo esta redoma com preconceitos instalados pela sociedade contemporânea.

De acordo com um estudo do It's a Man's (Celluloid) World em 2023,

As mulheres representavam 38% dos protagonistas, enquanto os homens representavam 62% dos personagens principais. Dessarte, evidência a influência do machismo enraizado na sociedade contemporânea trazendo uma carência do protagonismo feminino além de estereotipação, sexualização e submissão da figura feminina.

Desse modo, esse trabalho tem como importância usar da dissertação com a finalidade de trazer melhor reflexão e promover debate sobre a importância da representação feminina em uma figura de destaque de forma digna na indústria audiovisual.

Portanto, a realização dele é de suma importância pois o machismo além impactar no mercado de trabalho, educação e política impacta a indústria cinematográfica, uma grande ferramenta de transformação social, por isso a necessidade de conscientização.

1.4 Metodologia

De acordo com Liane Zanella (2022) a metodologia, refere-se ao estudo de método. No ramo da metodologia científica e da pesquisa ela dedica à análise crítica

dos métodos utilizados na investigação, ou seja, examina e avalia as abordagens de pesquisa, procurando entender de que maneira o conhecimento é gerado e confirmado na ciência (ZANELLA. 2022, p.22).

No presente estudo, a pesquisa que será utilizada poderá ser classificada como objetiva exploratória, isto porque ela terá como objetivo expandir o entendimento sobre um fenômeno específico (ZANELLA. 2022, p.33), haverá de ser a maneira como o machismo na sociedade reflete na exclusão de cineastas e protagonistas femininas, na sexualização e estereotipação de personagens em grandes produções cinematográficas.

Em relação a metodologia, o trabalho em mãos optará pelo método hipotético-dedutivo. Essa opção se justifica pois o método permitirá a identificação de problemas ou contradições presentes no conhecimento atual e, com base nisso, formular hipóteses. Assim, os resultados obtidos possibilitarão a comprovação ou refutação dessas hipóteses (DINIZ. 2015, p.108) como a principal questão levantada, sendo ela o machismo na sociedade atual e como ela impacta na indústria cinematográfica.

Enquanto procedimento, este trabalho realizar-se-á por meio de observação indireta, pois serão utilizados dados e documentos científicos presentes em sociedade. A pesquisa utilizar-se-á de ferramentas como Microsoft Word permitindo a formatação do trabalho e estruturação do referencial bibliográfico, e Google Forms, afim de recolher informações para compreensão do senso crítico popular através da pesquisa de campo que contará com perguntas quantitativas e qualitativas.

Portanto, o material registrado apresentado, juntamente com as análises correspondentes propõe a melhor compreensão e formulação do estudo monográfico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A cultura do machismo na sociedade.

De acordo com BALBOTTI (2018) há cerca de 3,5 milhões de anos atrás, quando as primeiras espécies humanas surgiram, acontecia apenas a colheita e caça de espécies. Naquele tempo, as mulheres e homens ocupavam o mesmo espaço na sociedade, exerciam as mesmas funções, e a figura feminina desempenhava um papel primordial caçando animais de grandes e pequenos portes, além de ter uma conduta no levantamento de recursos naturais.

Segundo MURARO (APUD BALBOTTI, 2018, P.241) afirma que não havia necessidade de força física para sobreviver, e as mulheres não eram postas como seres submissos aos homens, além de que as atividades não serem monopolizadas. Elas possuíam um papel central, visto que eram necessárias para as colheitas, caças, artesanatos e gerar vidas para à evolução da sociedade, pertencendo a uma figura sagrada. Foi a partir da descoberta da função reprodutora masculina que o sistema social da época sofreu uma distorção, e a figura que era considerada essencial e divina se tornou refém dos males da dominação patriarcal colocando um fim a uma organização igualitária e matricêntrica, dando início à cultura machista, sexista e patriarcal que perpetua até os dias atuais.

BADINTER (1986) APUD TRAVASSOS (2003), diz que o patriarcado não diz respeito apenas a uma organização de família que baseia-se no parentesco masculino e no poder paterno. O termo designa também toda estrutura social que surge da virtude do pai. O machismo por sua vez vem a ser uma manifestação desse sistema cultural que se comporta majoritariamente de ideias emocionais, comportamentais e padronizadas de uma figura feminina e se prolonga até o mundo contemporâneo.

Ademais, após a perda de um sistema equitativo, é na Grécia Antiga, onde a figura feminina possuía o único papel de transmitir a cidadania para seus filhos e servir seus maridos, levando em conta o sistema patriarca da época elas não eram consideradas cidadãs das pólis (cidades gregas) e em consequência disso, não gozavam dos mesmos direitos que os homens (SPINACE, 2024), tendo sua participação excluída de diversos meios, entre eles o cultural, onde apenas homens podiam envolver-se no

âmbito da atuação na qual todos os papéis nos teatros eram representados pela figura masculina usando máscaras para representar as mulheres (DIAS, 2019).

Durante o período da idade média a mulher continuava em seu papel de submissão. Eram educadas para serem reprodutoras, donas do lar, cumprir seus deveres matrimoniais, não possuindo voz para expressarem sua opinião ou espaço em lugares relevantes. Paralelamente, de acordo com J. Mark (2019) a vida daquelas que possuíam condições melhores era mais difícil que as de classes mais baixas, visto que as pertencentes do clero tinham suas posições restritas aos conventos já as nobres dependiam da quantidade de terras que traziam para o casamento. Enquanto as camponesas, participavam do trabalho no campo ao lado dos homens e apesar de não portarem dos mesmos direitos deles, sofriam da mesma forma.

Uma figura relevante para época foi Joana D'arc, autorizada pelo exército francês a participar e liderou a tropa francesa na guerra dos 100 anos entre França e Inglaterra, sendo um nome relevante pelas suas vitórias (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2024). Todavia, mesmo após ter seu nome reconhecido e ter se tornado uma figura que desperta admiração atualmente, Joana enfrentou desafios que todos enfrentam, a luta contra o patriarcado, já que para conseguir a aprovação para ir para o combate, a camponesa foi submetida a exames para comprovar sua virgindade, além de usar roupas masculinas para impor respeito e possuir voz ativa na cultura patriarcal. Após diversos embates, que levaram ela à captura pelos ingleses, prisão e consequentemente à julgamento pela Santa inquisição que à torturou, violou, assediou e a queimou viva em praça pública por uma sociedade que insistia em inferiorizar a mulheres sendo julgada por bruxaria, usar roupas masculinas e ter o cabelo curto (GOMES, 2024). Essa presença, escancarou a visão misógina da sociedade, que a condenou por querer o mesmo direito de um homem de assumir um lugar de liderança e mesmo após seu heroísmo, não teve reconhecimento e foi condenada, um reflexo de como as mulheres historicamente foram reprimidas por assumir um cargo de poder e usar o que não é considerado feminino.

Por analogia, assim como Joana D'arc lutou contra as normas de gênero da sociedade na época, muitas mulheres enfrentaram desafios nas guerras pelo mundo. Sofriam preconceito, tinham seu reconhecimento desvalorizado e suas contribuições eram minimizadas. Simultaneamente, em diversos momentos históricos a figura feminina foi sub-representada, tendo seu olhar manipulado pelas leis patriarcais e

visão misógina masculina, por consequente, a mulher se submeteu a aceitar as condições de mãe, filha ou esposa durante muitos séculos, até o surgimento de movimentos feministas que lutaram a favor de seus direitos como cidadãs de uma sociedade, como exemplo, as lutas pelo direito de voto feminino em que após séculos onde apenas o homem exercia seu papel de cidadão as mulheres lutaram e foi conquistado no século XX o dever de votar pelo seu país.

Na atualidade, fazem apenas 93 anos (TEODORO, 2021) após a divergência de confrontos ideológicos pela atuação ativa da mulher como indivíduo pertencente de uma cidadania. É evidente que a figura feminina em toda sua história, luta de forma constante contra o patriarcado e machismo enraizados. Desde sempre, mulheres quando crianças não foram ensinadas a se tornarem independentes, grandes figuras de poder, de sucesso, mas sim, ensinadas a conquistar prestígio para conseguir bons maridos e serem ótimas mães (CARDOSO, *et al.* 2023). Entretanto, é justamente diante dessas limitações históricas que se penduraram ao decorrer dos séculos que percebemos a força da mulher. “A fim de explicar suas limitações, é a situação das mulheres que deve ser invocada, não uma essência misteriosa; assim, o futuro permanece amplamente aberto; cabe a elas tomar posse dele, em sua totalidade”. (BEAUVOIR, 1949), argumenta Simone de Beauvoir que as imposições colocadas a figura feminina são postas a partir de um contexto econômico, social e cultural e não biológico, além de enfatizar que as mulheres devem se impor contra amarrações feitas, possuir sua própria liberdade e traçar seu destino, se impondo contra o machismo que cerca a vida das personas e oprime a vida de diversos seres.

2.1.1 Violência de gênero

Dessa forma, a violência de gênero é uma consequência direta da cultura machista em que vivemos atualmente. Ela se refere a toda agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém em razão da sua identidade sexual (DEFENSORIA PÚBLICA DO RIO GRANDE DO SUL, s.d, p. 3). “A mulher é a maior vítima da violência de gênero. Segundo as estatísticas, em 95% dos casos de violência praticada contra a mulher, o homem é o agressor”. (ÁRAUJO *et. al.* 2004, p. 18). Isso ocorre excepcionalmente, devido a visão do homem sobre a mulher, que é de soberania, pela sociedade misógina e patriarcal. Esse cenário se dispõe em ataques físicos, bens tomados de seu controle subtraindo-os ou destruindo-os, ao

obter sua moral atacada com humilhações, agressões sexuais como atos sexuais não consentidos e violência psicológica na forma de ameaças, manipulação, entre outros. Estes atos, embora sejam crimes de acordo com a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) que visa combater qualquer tipo de violência doméstica e familiar contra mulheres, casais homoafetivos do sexo masculino e mulheres trans ou travestis (EMANUEL, 2010) ainda é um obstáculo a ser carregado pela sociedade tendo em vista a crescente de casos de violência de gênero.

Nesse viés, a sociedade brasileira carrega o patriarcado enraizado ao longo dos anos, se manifestando em diversos aspectos do nosso dia a dia, através da subordinação, estereotipação e sexualização feminina além de muitas vezes através da violência de gênero, que tende a se tornar implícita ou disfarçada diante da normalização do machismo que se dá devido a discursos ou comportamentos que são “aceitos” pelo corpo social e que já são “esperados”. Esse desrespeito ocorre quando atitudes que reprimem as mulheres em qualquer sentido são vistas como algo que não é possível de se evitar, algo natural (TENÓRIO, 2019, p.13). É devido a essa normalização e ao patriarcado, que ao sofrer qualquer tipo de violência as mulheres hesitam em denunciar visto que, em muitos casos a justiça é consideravelmente falha, fazendo com que as vítimas sintam medo, vergonha e até mesmo sejam vistas como “culpadas” pela sociedade corrompida pelo machismo e misoginia enrustidos desde os primórdios das civilizações.

Desta maneira, a agressão contra mulher é levada à um patamar mais elevado, não apenas devido a atentados físicos, mas de todas as formas como-patrimonial, moral, psicológica, sexual- sendo também uma violação aos direitos fundamentais de uma cidadania como o direito à igualdade de gênero, direito à dignidade humana e à integridade física e moral (BRASIL, 1988, art. 5º I, incisos III e X, art. 1º III). Todavia, esse direito muitas vezes não é compreendido ou assegurado, principalmente no que se refere ao gênero feminino.

Embora, os crimes de ódio por motivo de gênero afetem todos os grupos minoritários, a figura feminina vem sendo a mais afetada. No geral, estatísticas revelam que mulheres pretas, pardas e trans enfrentam riscos significativamente maiores. Segundo Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (Raseam), constatou-se que, em 2022, mais da metade (59,8%) dos registros de mulheres adultas vítimas de violência doméstica, sexual e outras formas de violência foram de mulheres pretas

e pardas (SERPA, 2024). Esses dados demonstram os impactos do racismo, machismo e desvalorização com mulheres negras e pardas inferiorizando-as na sociedade, um comportamento que surge na época colonial e dura até os dias atuais.

Ademais, em relação a isso, conforme dito não apenas a parcela feminina da população pretas e pardas são subordinadas a essas condições, mas também mulheres trans e travestis que de acordo com relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU), que acompanha dados mundialmente coletados por entidades trans e LGBTQIA+ “375 pessoas trans de gênero diversos foram assassinadas em todo o mundo em 2020 e cerca de 96% destes assassinatos foram cometidos contra mulheres trans ou pessoas transfeminadas” (PINHEIRO. 2022). Os dados deixam em evidência como a influência dos ideais opressores ainda são impostos de forma invasiva à figura feminina, que continua a ser alvo de injustiças pela sociedade. Tal fato decorre em razão da visão intrínseca da herança histórica do patriarcado, que contribui contra diversos grupos minoritário, principalmente ao gênero feminino, resultando em atos de silenciamento, aliciamento e manipulação que se tornam palco para uma bandeira de luta e resistência universal.

2.1.2 Machismo no Brasil

“A humanidade é masculina, o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (...) A mulher não é senão o que o homem deseja que ela seja” (BEAUVOIR, 1949 *apud* MOUALLEM; OLIVEIRA; FALCÃO, 2019). Essa reflexão evidencia o problema estrutural que a sociedade enfrenta desde os tempos mais remotos, o machismo e a misoginia que negam a figura feminina como um ser com identidade própria. No Brasil, a ideia da inferioridade da mulher é agravada no período colonial, mas consegue ser notada antes mesmo de 1500 com os povos nativos. Dessa forma, perante a chegada das embarcações portuguesas, os indígenas não possuíam as mesmas divisões hierárquicas nas diferentes tabas, porém o que vigorava era a segregação de gênero, no qual os homens eram encarregados das tarefas que necessitavam de mais esforços físicos, como a caça, a pesca, a construção das ocas, a preparação da terra para o cultivo, além de lutar nas guerras. Já as mulheres das tribos ficavam responsável pelo cultivo, pelas bebidas, pelas comidas, pelo parto e cuidado das crianças. (OLIVIERI, 2014)

Foi após a chegada dos navegantes europeus que seus ideais foram disseminados sob a égide de violência, onde a sociedade patriarcal já pré-moldada na qual os portugueses estavam acostumados, colidiu com a cultura dos povos indígenas, sendo possível perceber grandes diferenças em suas morais, costumes e valores onde os homens europeus eram ensinados desde a infância a tratar a mulher como inferior (ARAÚJO, 2022).

O processo de colonização dessas terras, foram marcados pela brutalidade com a escravidão dos povos nativos e negros que foram trazidos da África. (ARAÚJO, 2022) As mulheres, também tiveram que lidar com os abusos sexuais que enfrentavam de seus senhores e a serem submetidas aos mais diversos tipos de violências, o resultado disso é a formação cultural que fazemos reverência orgulhosa, a “miscigenação” (CARTA CAPITAL, 2016) mas que surgiu de um período de crueldade com a figura feminina. Período este que de certa forma permanece até hoje tendo em vista que, segundo dados do 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 1 mulher é abusada sexualmente a cada 6 minutos em 2023, com um total de 83.988, mostra também que o perfil dos agressores é constante: quase a totalidade é homem, além do perfil das vítimas não ter grandes mudanças em relação aos outros anos, cerca de 88,2% dos casos são meninas, e 52,2% delas negras, (TOKARNIA, 2024). Sob essa perspectiva, fica explícito que o desrespeito e a inferiorização da mulher vêm desde quando o Brasil ainda não era Brasil, e é reforçado com os dados crescentes de violência de gênero.

Nunes (2021) ressalta a submissão que permanece até os dias atuais devido a hierarquia machista.

Além da escravidão, a servidão também apontava os rumos para um sistema desigual. A mulher, condicionada a servir o homem e tida como propriedade de tal, era apenas um objeto estético que servia de escada para que o homem adquirisse cada vez mais o seu status de chefe de família e construísse seus próprios impérios comerciais e econômicos, gerando a todo instante a desigualdade social que se intensificou até os dias atuais. As mulheres tinham seus direitos subtraídos e suas possibilidades cada vez mais limitadas pela sociedade por meio da força bruta e da violência física e moral. (Nunes, 2021).

Através desses fatos, o que se percebe desde o princípio da sua existência, o Brasil foi estruturado com uma estrutura patriarcal fixada, com a visão de que as funções da figura feminina eram limitadas a ser dona do lar e mãe, servindo apenas como coadjuvantes das histórias de vida masculinas, ademais, homens também que

serviam como figura de autoridade, de força enquanto elas possuíam pouco reconhecimento social.

2.1.3 Feminismo: Lutas e conquistas atuais.

(MENDES, s.d) A expressão “Feminismo” representa todo movimento que luta por igualdade de gênero e o reconhecimento do direito das mulheres, ele opõe-se contra as desigualdades sociais, violência de gênero e a falta de representatividade em diversos setores. Quando nos referimos a esta palavra que deriva do latim “femina” e significa mulher (MENDONÇA, 2019) estamos falando sobre anos de luta para que atualmente a figura feminina tenha a possibilidade de liberdade de expressão, visto que o termo se popularizou com as chamadas “ondas de feminismo” que ocorreram como forma de luta contra as repressões sofridas pela sociedade misógina.

(MENDES, s.d; PINTO, 2009). A primeira onda de feminismo se manifestou por meio da luta pela conquista do voto feminino e pela igualdade jurídica. Foi caracterizada por campanhas e movimentações intensas em meados do século XIX até o início do século XX por volta do ano de 1920, em países como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, França e Países Baixos, além do Brasil, que participou desses movimentos um pouco depois e garantiu esse direito em 1932.

A segunda se manifestou em meados dos anos 60 e 70 pela liberdade das relações sociais no patriarcado machista e burguês com uso de anticoncepcionais, a legalização do aborto, e a presença da mulher no mercado de trabalho, tópicos que ainda são pautados atualmente, já que ainda é um dos desafios a se lidar apesar das grandes conquistas.

A seguinte, explorou temas como identidades de gênero, a diversidade sexual e a variedade dos corpos, surgindo na década de 1990. Foi pautado os diferentes perfis além das mulheres brancas de classe alta, cis e heteronormativas como as mulheres negras, indígenas, pobres, LGBTQIAPN+ entre outros. Entretanto, são obstáculos a enfrentarmos tendo em vista que as mulheres que se encaixam nesses perfis são as mais afetadas até os dias atuais.

Por fim, a quarta e última onda não é de total consenso nos estudos feministas, mas o ciberativismo, ou ativismo digital são características que marcam ela, vindos

de movimentos propagados pelas redes sociais e meios digitais. Mesmo não sendo considerada por todos dentro da luta feminina ela desempenhou um papel fundamental, mediante, ao avanço tecnológico e o aumento da demanda por divulgação de conteúdos sobre as pautas de igualdade de gênero, tendo a globalização um papel essencial pela rápida divulgação destas questões, permitindo assim, que atos de assédio moral e sexual, tais como, outras formas de desmoralização das figuras femininas, fossem divulgados de forma mais visíveis e tocantes. Esta conexão, viabilizada pelas plataformas digitais tornou possível a ampliação das vozes femininas um dia desvalorizadas e de suas denúncias indo contra a manipulação de uma cultura de silenciamento, revelando assim, as inúmeras formas de opressão, violência e desqualificação que as mulheres passam em diferentes partes de uma sociedade. Sendo assim, a globalização não apenas acelerou a divulgação destes conteúdos, mas também foi importante para dar uma percepção e força nos movimentos feministas que estão na linha de frente contra práticas de violência e discriminação.

Ademais, além das conquistas por igualdade de gênero é fundamental destacar a importância da legislação brasileira no papel de combate contra a violência de gênero, como previsto na lei Maria da Penha nº 11.340, de 7 de agosto de 2006:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (BRASIL, 2006)

Por meio dessa lei as lutas femininas ganharam voz através da fundadora e ativista Maria da Penha que sofreu abusos físicos e psicológicos pelo seu ex-companheiro que a manteve em cárcere, espancou, feriu e tentou assassiná-la e após anos de luta conquistou justiça quando após diversas solicitações, em 2002 Marco Antônio Heredia Viveiros foi condenado a 19 anos e três meses de prisão. Assim, o Estado reconheceu o fato da violência de que era necessário tratar o caso de Maria da Penha como violência contra mulher devido ao seu gênero, pois o fato da mesma ser mulher, contribuiu para que essa violência fosse recorrente, e que seu agressor saísse impune por anos. Dessa forma, em 2006, o até então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei Maria da Penha ou lei nº 11.340. (INSTITUTO... s.d).

Assim como o caso da ativista, existem diversas outras vítimas que passaram ou passam por situações semelhantes, deixando exposta a importância da lei a favor da mulher vítima de agressão em nossa sociedade atual, onde mesmo com o avanço da igualdade de gênero e maior conscientização sobre o assunto, as denúncias de agressão contra a figura feminina vêm apenas crescendo nos últimos anos. Contudo, levando em conta que a lei foi criada por resultado da grande desigualdade e clara violência contra a vítima tendo como motivo ser do gênero feminino, ainda é chamada de privilégio por pessoas com a visão distorcida pelo machismo estrutural, deixando explícito a falta de informação e machismo ainda presente em nossa sociedade. (MONTEIRO, 2022)

Deste modo, a preservação das heranças misóginas e patriarcais em nossa sociedade contribui para a conservação da violência de gênero, fato que exprime a subsistência das práticas violentas explícitas presentes em nossa sociedade. Neste contexto, se evidencia as lutas femininas, que mesmo alcançando conquistas em diversos aspectos civis, seus espaços continuam sendo sub representados nas áreas sociais e políticas aos longos dos séculos, essa realidade, é notada pela necessidade das aprovações e revogações de leis para se conferir os direitos constitucionais das mulheres para que sejam de fato reconhecidos e garantidos em uma sociedade retrógrada.

2.2 O cinema e a representatividade social

2.2.1 O cinema e sua evolução.

(JUNIOR, S.D) O cinema é uma arte, uma forma de expressão por meio de imagens em movimento, sons e recursos profissionais, que representa a realidade ou um mundo ficcional, faz sátiras, distorções ou divergências sobre uma sociedade e suas filosofias, trazendo o passado o presente ou o futuro como sua caracterização para a construção de sua narrativa.

(RAMOS, 2022) A etimologia “cinema” surge como uma abreviação da palavra “cinématographe” (cinematográfico, o primeiro aparelho usado para filmar e projetar as chamadas imagens em movimento) com origens francesas, vindo a partir do grego “kinēma” significando (movimentação), cresceu através do nome dos irmãos Lumière que em 28 de dezembro de 1895, que introduziram as primeiras imagens gravadas,

tais como “a chegada do trem à estação la ciotat” e “a saída dos operários da fábrica”, marcando assim uma trajetória de evolução.

Antes da ascensão dos irmãos Lumière, milênios antes surgiu o chamado “Teatro das sombras”, onde as pessoas utilizavam seus corpos e figuras para projetar nas luzes causando sombras, e assim, poder contar narrativas (THEBAS, S.D). Conforme a progressão da sociedade e das culturas esta prática influenciou no cinema que na atualidade conhecemos.

Da mesma maneira, uma das contribuições e inspirações para a criação do cinema é o teatro. Desde os seus primórdios, inspirando diretores e produtores. Teatro este que originou da Grécia antiga por volta do século IV A.C como forma de homenagear Dionísio, Deus grego do vinho, das festas e do teatro. A dramaturgia era usada para expressar os sentimentos, como a fé e contar histórias por meio de rituais e danças. Os atores utilizavam de fantasias, máscaras, dançavam e cantavam. (DIAS, 2019). Era por meio dessas peças que os homens das pólis excluía as mulheres de ter uma contribuição, já que elas não eram consideradas cidadãs, além de acreditarem que a participação publicamente delas era altamente perigoso.

Segundo o site da INTI (2023) com o passar do tempo, na idade média esses chamados grandes rituais tiveram uma evolução e tomaram um lado religioso, com encenações relacionadas aos acontecimentos da bíblia e conseqüentemente ao cristianismo. Durante o renascimento, as tradições gregas e romanas ressurgiram. Já nos séculos seguintes (XVIII, XIX e XX) o teatro se tornou palco do movimento romântico e em seguida o realista.

Conforme aponta LUCIDARIUM (S.D.), o cinema era visto como uma extensão do teatro, e era utilizado para discorrer, aumentar e por conseqüência eternizar, o alcance das peças teatrais. Os primeiros filmes apresentavam pouca inovação visual, sendo basicamente uma peça teatral filmada.

Hodiernamente, a evolução tecnológica influenciou nas produções, acarretando melhores qualidades e aumentando a naturalidade, conseqüentemente diminuindo a necessidade do exagero de expressões nas atuações, diferentemente das peças teatrais.

Ao longo das décadas, conforme a evolução, o crescimento dessa indústria e com a alta demanda, o cinema se tornou parte essencial da vida das pessoas. Quanto

maior sua visibilidade, maior era sua influência sobre a sociedade, tendo em vista que produções cinematográficas disseminaram diversas ideologias positivas ou negativas e estereótipos que mudaram a visão das pessoas ao redor do mundo.

“Os filmes tocam nossos corações, despertam nossa visão e mudam a forma como nós vemos as coisas. Eles nos levam para lugares. Eles abrem portas e mentes. Filmes são a memória das nossas vidas. Precisamos mantê-los vivos.” (Scorsese, Martin. The Film Foundation – Board of Directors, 1990, s.p), destaca a forma como as produções cinematográficas se envolvem na vida de cada indivíduo, podendo impactar a sua moral e valores, trazendo uma visão idealizada das pessoas mas muitas vezes estereotipadas, desvalorizadas, podendo corromper os ideais de uma sociedade, e assim como para WALTER BENJAMIN (1984) é uma expressão cultural de dimensão coletiva que através da propagação técnica, por meio de imagens facilita a alienação sociocultural. Dentro desse contexto, é importante analisar a forma que a indústria serve para transmitir sabedoria, mas ao mesmo tempo disseminar desinformação e reforçar ideias preconceituosas e generalizadas sobre minorias, como acontece com latinos, asiáticos, negros, LGBTQIA+ e mulheres.

2.2.2 A representatividade no cinema.

Segundo a FIA (2023), representatividade é o princípio pelo qual a vontade das minorias é respeitada ou, no mínimo, considerada e documentada de maneira formal ou informal. Refere-se também a igualdade e inclusão, garantindo que as pessoas de diferentes culturas, origens, gêneros ou orientações sejam representadas de forma equânime. O objetivo é garantir que todas as pessoas se sintam respeitadas e ouvidas em todos os ambientes aonde historicamente sempre foram sub-representadas e desclassificadas.

Na indústria cinematográfica, essa representatividade vai além de apenas conter pessoas de certos grupos sociais que sempre foram marginalizados, mas também se diz sobre a forma que eles são colocados nas telas. Segundo Rabelo (2021)

A falta de representatividade no mundo cinematográfico é um problema antigo que perpassa todas as esferas da indústria, desde a atuação até a produção, direção e roteiro de uma obra. Essa realidade contribui para a manutenção de discursos hegemônicos e o apagamento das histórias de minorias sociais (RABELO, 2021).

Essa ausência de diversidade nas telas não apenas limita a possibilidade de que uma quantidade maior de pessoas possa se identificar com os personagens e se sentirem representadas nos filmes e séries, como também reforça a invisibilidade e os estereótipos submetidos à essa parcela minoritária da sociedade. Além disso, quando existe uma representação de má fé ou a ausência das pessoas LGBTQIAPN+, negras, indígenas, com deficiência ou até mesmo mulheres, perpetua-se anos de exclusão e marginalização dentro de nossa atual sociedade onde o preconceito e a cultura patriarcal são predominantes e enraizados. Por isso, é necessário a presença desses grupos em todas as esferas e etapas das produções na indústria cinematográfica, para que exista representações fiéis e sem preconceito e assim sejam considerados símbolos de empoderamento para as minorias afetadas.

A partir do surgimento do cinema, a representatividade dentro da indústria cinematográfica não é algo presente, tendo em vista que o olhar do homem estabelece uma relação não favorável para as partes além deles na sociedade (como as mulheres, negros entre outros), deixando a sua moral predominar sobre a ética e igualdade que deveria ser seguida e respeitada por todos em nossa civilização. É em razão dessa predominância que existe a exclusão e até mesmo uma quantidade exorbitante de papéis que forçam certos estereótipos para essa parcela da sociedade. “Aniquilação simbólica” é um termo usado a princípio por George Gerbner em 1976 para escrever justamente essa ausência de representação, ou sub-representação, de um grupo de pessoas na mídia (WIKIPEDIA, 2023).

Dessa forma, há apenas uma única visão de vivência do mundo nas narrativas que são contadas. Isso relaciona um padrão dominante, uma maneira de viver, que marginaliza as demais alternativas de ser, afirma a pesquisadora e professora Carla Maia sobre a predominância de figuras masculinas e brancas nos cinemas (MAIA s.d apud RABELLO). Assim, mostra as condições nos cinemas que expõe a maneira como grupos sociais são retratados em muitos papéis.

A indústria cinematográfica principalmente nas produções que atingem milhões de espectadores ao redor do mundo, tem o poder de criar certas atitudes. Quando não acontece a inclusão desses grupos de indivíduos nas obras, mesmo que não intencionalmente acontece uma invisibilização, o que lhes tira a liberdade de expressão. (WOJCIECHOWSKI, 2020). É diante dessa “linha invisível” sustentada pelo preconceito, que essa população é cada vez mais marginalizada e impactada no

que se trata da representatividade, dado que, é através do cinema e das telas que se conta uma vida ou uma história, e quando a versão é contada de forma banal e estereotipada, sobretudo nas grandes produções hollywoodianas que atingem milhões de espectadores ao redor do mundo, acaba tendo o poder de feri-los e atingi-los como quando as mulheres são retratadas como frágeis, negros como bandidos, nordestinos e LGBTs em papéis de “alívio cômico”. Mesmo que não deliberadamente as indústrias do audiovisual não integrem esses grupos nas produções, acaba implicando no negligenciamento em sociedade, deixando assim de lado suas visibilidades, direitos e manifestações.

2.2.3 O cinema brasileiro.

O cinema brasileiro é aclamado e bastante reconhecido pela sua capacidade de narrar e representar as diversas realidades do país, salientando os diversos relatos de grupos historicamente marginalizados, além de uma grande parte da população desmerecida e desfavorecida desta nação (CASTRO, 2024). Com o passar do tempo, a indústria se integrou como um patrimônio cultural (GONZALEZ, 2022) refletindo questões sociais, econômicas e históricas, que se perpetuou através de uma narrativa da sociedade brasileira (MARQUES, s.d). Ao longo da historiografia cinematográfica brasileira houve difusões, acarretando as transformações que são vistas na atualidade.

Durante suas primeiras aparições o cinema foi documentado por olhos eurocentrados. A sua primeira manifestação no país foi em 1896, quando houve uma exibição no Rio de Janeiro de uma série de curtas-metragens que predominantemente retratava a vida cotidiana dos cidadãos europeus em seu continente, demonstrando assim, sua visão e versão de uma realidade externa. (SILVA, s.d)

Foi somente em 19 de junho de 1898 que ocorreu os primeiros indícios de gravações no país, na baía de Guanabara, entretanto, estas gravações ainda estavam sobre certa influência de estrangeiros, dado que em suma, a maioria de seus diretores, roteiristas, produtores, entre outros eram forasteiros. Apesar da forte influência de pessoas não naturais do país, o cinema ainda era considerado burguês, considerando que essa indústria se propunha apenas para as elites de uma sociedade, espelhando suas vivências e perspectivas, tendo como consequência, essa preservação e o olhar que se tinha somente para esta parte de uma comunidade, retratou a falta de

identidade de uma certa parcela discriminada da sociedade brasileira que sofre no setor de cinema, assim, o déficit de oportunidades de prestigiar as obras artísticas ou até mesmo a falta de representatividade no ramo, o que acaba excluindo-os de um corpo social (ACADEMIA... 2019). Todavia, apesar das dificuldades que este cenário enfrenta, ele começou a ser modificado no Brasil contemporâneo, mediante as mudanças políticas e sociais ou até mesmo por uma forte identidade cultural, que a retratação destas minorias se transformou em um símbolo do cinema nacional, sendo característica da preservação na atual dramaturgia cinematográfica brasileira.

(MACEDO, 2023) Apesar dos recentes avanços em relação ao reconhecimento internacional de uma pequena parcela das obras brasileiras, essa indústria visual ainda sofre com a falta de investimentos e desvalorização, assim, tendo a quantidade de oportunidades de emprego limitada, baixo piso salarial e dificuldade na consolidação dos profissionais na área. Sob esse prisma o documentário "Elena" apresenta a história de uma jovem com o sonho de trabalhar atuando em produções cinematográficas, porém diante as diversas adversidades da profissão em nosso país é levada a procurar oportunidades no exterior. A obra relata como o desmerecimento da dramaturgia nacional impacta profissionais e futuros especialistas do setor, que geralmente os levam a desistir da carreira desejada para que possam praticar uma ocupação valorizada e com maiores retornos financeiros.

Em entrevista para um teste, nos EUA, ela afirma que se mudou para Nova Iorque em busca de oportunidades. "As possibilidades no Brasil são: ou você continua no teatro, e são poucas as produções, ou faz novela", frisou a jovem. "Eu queria fazer filmes. No Brasil não tem quase nenhum". (ELENA, 2012 apud MACEDO, 2023).

Dessa forma, é evidente a escassez de oportunidades que a personagem Elena enfrenta, se vendo em uma posição de poucas escolhas ao seguir seu sonho. Apesar do grande reconhecimento quando o tópico são as telenovelas, ainda se nota uma falta de diversificação ao construir carreiras já que como citado anteriormente, as maiores oportunidades surgem ou do teatro que é pouco reconhecido e valorizado ou das novelas.

As novelas são um produto cultural nacional que fazem parte da indústria do audiovisual assim como o cinema e é uma das maiores riquezas do Brasil. Elas fazem parte da identidade do povo brasileiro desde sua criação, há 70 anos, em 1951 com a novela "Sua vida me pertence" que estreou na extinta Rede Tupi. Desde lá centenas

de produções com diferentes histórias e rumos foram criadas cativando de diversas formas o público (Quinello, 2024). O Brasil, se tornou uma potência no ramo, é mundialmente conhecido por esse tipo de produções audiovisuais além de que “De acordo com a pesquisa Kantar Ibope Media, realizada em 2017, o gênero mais assistido na televisão aberta no Brasil são as novelas, garantindo seu lugar no topo do pódio sem concorrentes.” Portanto, as novelas representam um papel importante na vida dos brasileiros, fazem parte do nosso dia a dia, das nossas alegrias e emoções. Os melodramas das histórias se adaptaram aos novos hábitos, ao novo mundo e as criações são guardadas na memória dos noveleiros, de adolescente a idosos (FINAMOR, 2025).

2.2.4 Representatividade no cinema brasileiro

É evidente que a indústria cinematográfica brasileira em comparação a outros países sempre sofreu devido a falta de investimentos e desvalorização. Essa negligência acarreta não apenas no enfraquecimento do alcance do cinema nacional, mas também, limita a representatividade cultural. Nesse sentido, é importante destacar que o audiovisual nacional representa os grupos historicamente marginalizados desclassificando-os através de estereótipos pré-definidos por uma sociedade intolerante, a qual possuía como ideais o interesse em colocar essa parcela como uma figura inferior, reforçando em obras cinematográficas rótulos, de tal forma que classifica os negros como malfeitores, LLGBQIAPN+ e nordestinos em personagens de “alívio cômico”, além da mulher como frágil ou a respeito da sexualização feminina.

Em contrapartida, apesar de diversas obras ainda representarem as pessoas que fogem do padrão normativo social, com estereótipos que reforçam o preconceito em nosso país, a indústria do audiovisual brasileiro ainda sim é considerada por muitos uma boa representadora das narrativas e diversidades do país, capaz de refletir as dificuldades e os diversos relatos que essa parte da população desmerecida e desfavorecida sofre (CASTRO, 2024).

2.2.5 Obras importantes.

(ASSUMPÇÃO, 2024) É importante destacar que apesar da falta de reconhecimento, o Brasil possui grandes produções com filmes mundialmente conhecidos, que trazem

um pouco da nossa história, cultura e enriquecem o conhecimento da sociedade. Entre essas grandes criações destacam-se a obra “Central do Brasil” (1998) estrelado por Fernanda Montenegro e dirigido por Walter Salles que ganhou diversos prêmios importantes e concorreu ao Oscar de melhor filme internacional e melhor atriz, sendo um grande feito para o Brasil além de ser muito pautado sobre uma possível injustiça após a perda para um filme europeu e uma atriz norte-americana nos padrões sociais, levando em consideração e evidenciando a imparcialidade em relação a escolha dos ganhadores visto que muitos achavam que o filme iria sair vitorioso além de que o histórico da escolha das nomeações e ganhadores são de maioria do mesmo perfil, europeus, norte-americanos, brancos cis heteronormativos, até mesmo vindos de família ricas e influentes na indústria. Além disso, a referência no cinema nacional não se dá somente de forma constante e seria dado que a grande potência que o país é em relação a comédia com o filme “O Auto da Compadecida” (2000) uma história derivada do livro com mesmo nome de Aruano Suassuna e estrelado por Selton Mello e Matheus Nachtergaele que faz críticas a sociedade, com a hipocrisia humana, corrupção, desigualdade social, entre outros em forma de humor. Outro exemplo é a obra “Cidade de Deus” (2002), grandemente aclamada pela crítica que exhibe a realidade das favelas brasileiras, como a exclusão dos mais desfavorecidos, a criminalidade, a negligência estatal, a violência, e o racismo, alcançado não apenas o público do mundo inteiro como também a mídia, críticos e analistas que reconhecem a importância e referência causada pela denúncia feita do filme. (BATISTUTE, 2024) O filme “Tropa de elite” (2007) interpretado por Wagner Moura e dirigido por José Padilha, revelando em forma de crítica implícita uma realidade bruta, com a violência por meio do Estado e o tráfico de drogas e facções, muito presentes nas favelas do Rio de Janeiro. O filme é muito debatido, já que o protagonista é visto como um justiceiro, apesar da crueldade e atos de tortura praticadas pelo mesmo. Por fim, um filme atual que tem uma grande importância para o cinema nacional, “Ainda estou aqui” estrelado por Fernanda Torres e Selton Mello e comandado por Walter Salles conta a história de Eunice Paiva que luta por justiça para encontrar o seu marido Rubens Paiva que foi um ex-deputado, onde se opunha contra a ditadura militar e auxiliou na comunicação entre os “revoltosos” e foi torturado e morto na década de 1970. O filme tem sua devida importância por sua grande influência internacional, transparecendo o histórico violento de um período que nosso país passou, além de

ter conquistado o primeiro Oscar de melhor filme internacional e ter sido indicado em duas outras categorias.

Portanto, o cinema nacional em muitos dos casos, demonstra a cultura e diversidade de uma sociedade sub-representada nas dramaturgias, que apesar de muitas vezes não receber sua devida valorização até mesmo da população brasileira, continua perpetuando de forma sublime, enfrentando desafios, divulgando o Brasil no exterior, trazendo uma forte identidade cultural e tendo um papel importante na vida de todos os brasileiros ao despertarem reflexões sobre questões sociais de grande relevância no país. Entretanto, é importante debater e ressaltar que apesar da existência de grandes produções que não utilizam de valores desrespeitosos, mas sim de uma realidade coerente com a nação brasileira, ainda existem obras onde certas minorias são colocadas de forma errônea, com estereótipos que se mantiveram diante de um histórico de exclusão dessa parcela da sociedade que sofrem até os dias atuais em um sistema que não os tem como prioridade.

2.3 A presença da mulher no cinema.

O cinema desde os seus primórdios atribuiu a visão do homem como central. As narrativas eram a respeito deles, os papéis interpretados por eles, somente sua versão, e princípios eram considerados. As mulheres não são levadas em conta desde a criação da grande inspiração para o cinema, os teatros não possuíam um espaço significativo, já que não tinham direitos, tampouco reconhecimento.

A participação da figura feminina nesse meio artístico só começou por volta do século XVII quando foram incluídas em uma nova espécie de teatro, as óperas (EM ESCALA, 2019). Todavia, apesar da conquista, o cinema não corroborou com uma forte presença da figura feminina, mas sim, contribuiu para reforçar uma imagem equivocada dessas personagens além de omitir a presença delas em posições de destaque e por trás das câmeras, como as cineastas.

Quando falamos sobre a desigualdade de gênero, não estamos nos referindo apenas a um âmbito, como no trabalho, mas sim que essa forma de disparidade está presente em todos os aspectos da nossa vida, no ambiente doméstico, sexual, econômico e cultural, assim percebendo que o cinema também é construído com base no sistema patriarcal.

Essa construção patriarcal não está presente apenas na falta de representatividade nas telas, mas também da forma que são retratadas, tendo em vista que muitas dessas retratações principalmente com a figura feminina são feitas de forma errônea, com diversos estereótipos e de maneira sexualizada, ações que derivam do machismo vindo de anos que transformam a visão de toda uma sociedade, como quando enxergam as mulheres como figuras frágeis, sensíveis, enquanto os homens são fortes e racionais por exemplo. (DIALOGANDO... 2024). Dessa forma, por isso a importância de uma boa representação, tendo em vista que “o cinema é uma forma de expressão artística que tem grande impacto social, contribuindo para a formação de valores, opinião, disseminação de ideias, ideologias e culturas” (FERREIRA et al. 2023).

Em suma, o machismo pode ser considerado o fator mais relevante para essa cultura que exclui as mulheres de uma contribuição relevante nos bastidores em grandes produções cinematográficas, e transforma os papéis de protagonismo para uma visão patriarcal em que a mulher é apenas um corpo hiper sexualizado e objetificado com intuito de reproduzir a visão que a sociedade tem sobre elas.

2.3.1 Ausência na indústria cinematográfica

Segundo uma pesquisa realizada pelo CELLULOID CEILING (2024) que rastreia o emprego de mulheres em filmes nos últimos 27 anos, a representação feminina nos bastidores em filmes dos Estados Unidos, demonstra que

No geral, as mulheres representavam apenas 23% dos diretores, escritores, produtores, produtores executivos, editores e diretores de fotografia trabalhando nos 250 principais filmes de 2024. Em uma visão de longo prazo, isso representa um aumento de apenas 6 pontos percentuais em relação aos 17% em 1998. Por função, as mulheres representavam 27% dos produtores, 22% dos produtores executivos, 20% dos editores, 20% dos escritores, 16% dos diretores e 12% dos diretores de fotografia trabalhando nos 250 principais filmes. (Celuloid Ceiling, 2024)

Esse estudo demonstra a hostilidade do cinema em não oferecer espaços de uma ocupação significativa para estas figuras que são inseridas em uma narrativa, desenvolvidas e voltadas para homens. A persona feminina sempre foi conduzida a uma impotência e incapacidade dentro dos sets de filmagem e das produções em geral, evidenciando a falta de qualificação e representação, tanto dentro quanto por trás das câmeras.

Dessa mesma forma, é indiscutível que essa autonomia da mulher é constantemente colocada em desafio devido a predominância masculina no mercado cinematográfico. Desde o princípio são colocadas na posição de “figurante” no trabalho dos homens, e desde sempre teve seu reconhecimento desvalorizado e seu papel sendo constantemente alvo de tentativas de apagamento.

Nesse contexto, é necessário citar a criação de um enredo importante, não apenas no mundo literário como também no cinema, conforme destaca a UNIVERSIDADE DE RECÔNCAVO DA BAHIA (2025), o romance gótico “Frankenstein” (1818) escrito pela jovem de apenas 18 anos Mary Shelley ret a história de Victor Frankenstein, um cientista que dá a vida a um monstro com parte de corpos mortos. No entanto, a primeira publicação do livro não conteve o nome da autora, o qual apenas apareceu na capa quatro anos após o lançamento inicial, pois na época sua autoria era muito questionada já que na visão da sociedade extremamente machista, uma jovem e principalmente mulher não poderia ter escrito e imaginado uma história de tanta originalidade. Constatando assim, a tentativa de anular a ocupação nesse cenário e conseqüentemente a importância feminina em diversos aspectos, sendo resultado dessa forma de violência disfarçada e naturalizada pela sociedade.

Esse sistema patriarcal enraizado reflete da mesma forma na ausência de protagonistas, que dentro da indústria cinematográfica são tidas apenas como um complemento da presença masculina. É evidente que apesar de muita luta pela conquista de espaço feminino com papéis principais relevantes e não sexualizados e estereotipados esse estigma ainda cerca a presença da mulher nessa indústria.

Esse fato se comprova também através de um estudo realizado pela NEW YORK FILM ACADEMY (2014) que analisou os 500 maiores filmes lançados entre 2007 e 2012 e evidenciou que o percentual de personagens femininas são de 1 para cada 2,25 homens. A vista disso, a percepção desta persona nesta indústria continua sendo categórica ao seu gênero, observando que esta figura é levada como um ser a ser marginalizado e enquadrado aos olhares masculinos. Dessa maneira, a exclusão desta parcela minoritária que não se delimitam a tal determinação estabelecida pela óptica masculina, é impedida de ocuparem papéis importantes e com destaques pela mídia dentro mercado cinematográfico.

Ademais, podemos notar uma conexão dessa exclusão com a teoria do “Teto de vidro” ou Glass ceiling no inglês, que se refere a dificuldade da figura feminina ou

outros grupos sociais minoritários de enfrentarem as chamadas “barreiras invisíveis” e progredir na profissão ou alcançarem cargos de grande relevância (KAGAN, 2025). Contudo, é importante ressaltar que essa analogia não se detém apenas no contexto corporativo, mas também de diversos meios, como no cinema que de maneira muito clara é notada, excepcionalmente na falta de mulheres em uma posição de destaque e protagonismo nas grandes produções cinematográficas (BARREIRA, 2021).

Também destacando a maneira que as mulheres desde os princípios do cinema não recebem seu devido reconhecimento, podemos citar a respeito da primeira cineasta mulher do mundo, Alice Guy-Blaché, que um ano após a primeira exibição cinematográfica do mundo produziu a película “Fada do Repolho”, uma das primeiras obras ficcionais da história, mas é pouco lembrada quando estudamos a história do cinema. (PECINATO, 2024)

Depois das primeiras décadas do cinema, além da menor participação nas etapas da produção audiovisual, as mulheres começaram a ser retratadas nos filmes de maneira estereotipada. “São representações pouco complexas, que ficam focadas em estereótipos: a figura da mãe, da irmã, a figura amorosa, e quase sempre essa figura da mulher é representada de maneira anexa ao homem”, exemplifica Lívia. (PEREZ, s.d *apud* PECINATO, 2024)

Nesse sentido, é perceptível que uma das consequências dessa predominância masculina é o fato de as mulheres serem constantemente representadas no cinema de forma misógina com a estereotipação e a sexualização excessiva que se nota desde o começo da participação feminina em obras de grande relevância.

2.3.2 Estereótipos e a sexualização da mulher

(DIANA, S.D) Estereótipo se refere ao nome usado para a criação de “rótulos”, é a ideia preconcebida que se é colocado as pessoas ou grupos sociais. Essa denominação é visível em diversos aspectos da sociedade, ela está presente em nosso cotidiano, e foi com o surgimento da sociedade que esses estereótipos se desenvolveram. São reproduzidos pelas culturas, inclusive a cultura do machismo que influenciou na criação de estereótipos femininos misóginos que impactam a indústria cinematográfica desde seus primórdios.

Nesse contexto, a mulher desde os primeiros filmes lançados, é posta como uma figura materna, dona do lar, sempre dependente de uma história masculina, com pensamentos voltados a eles, vistas como frágeis, sensíveis, ou colocada na visão

impositora da sociedade. Em 1985 a cartunista Alison Bechdel publicou em sua série de tirinhas “Dykes to Watch Out For”, um cartoon que satirizava a maneira como as mulheres eram retratadas em obras cinematográficas de Hollywood. Na história em quadrinhos, uma personagem informa à outra mulher que elas só assistem a filmes que têm três critérios: a presença de duas personagens femininas, que tenham diálogos uma com a outra e que tratem de assuntos que não envolvam apenas homens.

Figura 1 – Cartoon “The rule”



Fonte: BECHDEL, Alison. (1985). The Rule.

Ademais, em virtude da relevância do olhar masculino dentro das produções do cinema e a necessidade de produzirem apenas o que os próprios homens querem consumir, a fim de atender seus desejos, a figura feminina continua posicionada a um objeto sexualmente desejado, deixando uma parcela da sociedade à mercê de ações fetichistas, sexistas e misóginas, e como resultado, atrizes que por conta de seus personagens com seus corpos sendo protagonistas, escritos e produzidos pelo gênero masculino foram consideradas durante anos “sex symbol”, que de acordo com o CAMBRIDGE DICIONARY (2025) é uma expressão usada para pessoas famosas que são consideradas sexualmente atraentes para muitos indivíduos.

De acordo com GRAEMER TUNNER (1993) a respeito da forma que o setor de filmes representa a mulher.

Particularmente no cinema de Hollywood, desde a adoção da cor o feminino é filmado de um modo diferente de sua contraparte masculina. Há mais ênfase nas partes individuais do corpo, a ponto de se cortar a cabeça ou o rosto; mais atenção para a plástica produzida pela iluminação; e um maior uso da mise-

en-scène para exibição. Hollywood transformou a forma feminina num espetáculo, uma representação para ser analisada e questionavelmente possuída pelo espectador (masculino). [...] Os filmes nos oferecem uma imagem impossível da beleza feminina como objeto do desejo masculino (e até feminino). (TURNER, 1993, p. 84)

Em suma, essa citação reflete a maneira que um costume, ideologia ou moral de toda uma sociedade impacta no modo como que esta indústria de grande relevância e visibilidade (Hollywood) objetifica a mulher.

Desta maneira, quando há uma exposição de um corpo e seu poder de escolha ultrapassa seus limites, consentimento e morais, pode-se ter uma perspectiva hipersexualizada socialmente, tendo em vista, que sua objetificação e sua desmoralização pode reforçar estereótipos, restringindo assim, sua autonomia e visibilidade, tornando-o um corpo para a admiração exterior e objeto de desejo de um público majoritariamente masculino, excluindo a força e capacitação de personagens femininos. Tal visão, perpetua-se através destes meios midiáticos, desempenhando um papel significativo, reforçando os estereótipos do gênero, reduzindo assim a diversidade de papéis e delimitando a maneira que devem se portar, distorcendo como são vistas pela sociedade.

Após análise feita por pesquisadores da Escola Annenberg de Jornalismo e Comunicação da Universidade do Sul da Califórnia (USC), concluíram que das personas femininas que apareciam em filmes e séries, 34,3% delas vestiam peças com decotes ou muita pele à mostra e 33,4% apresentavam cenas de nudez, em comparação à 10,8% da aparição de personagens masculinos com exibição dos corpos à vista e 7,6% exibidos com roupas sensuais (FOLHAPRESS, 2016). Os dados encontrados mostram uma grande diferença entre a forma que os distintos gêneros são representados nas telas, reforçando a diminuição da mulher à apenas um corpo onde sua única função seria promover uma visão agradável ao público masculino, sendo retratadas de maneira sexualmente atraentes e sensuais, através de suas roupas consideradas “provocantes”, cenas de sedução, ações “aliciantes” etc.

Dois novos estudos do UNICEF e do Instituto Geena Davis de Gênero na Mídia mostram a diferença da forma que as mulheres e os homens são retratados nas publicidades, enquanto as mulheres são dadas como cuidadoras e objetos de desejo sexual, os homens são percebidos como provedores e líderes (GONZALEZ, 2022). Mas isso não fica apenas nas propagandas, nas telas de cinema em sua maioria os homens são retratados realçando suas características favoráveis como força,

inteligência, coragem e racionalidade, já as mulheres são apresentadas em papéis onde são limitadas a ser apenas um elemento agradável visualmente para a drama, sendo apontados como objetos de desejo, sem aprofundamento em suas ambições e capacitações o que corrobora com a estereotipação de sua figura em obras de alto alcance. Isso também se comprova através de Pesquisas do Instituto Geena Davis sobre Gênero na Mídia, que revela em

Um estudo sobre filmes para a família, o instituto constatou que o número de personagens masculinos supera o de personagens femininas em uma proporção de quase 3 para 1. Além disso, personagens femininas são mais propensas a serem sexualizadas, frequentemente retratadas com tipos de corpo irreais e servindo como acessórios para protagonistas masculinos. Essas representações reforçam a ideia de que o valor de uma mulher está atrelado à sua aparência e à sua capacidade de apoiar personagens masculinos, perpetuando normas de gênero limitantes (SUAREZ, 2025)

Esses dados refletem acerca de uma desigualdade não apenas quantitativa, mas principalmente qualitativa, uma vez que além da desproporção nas representações audiovisuais, ocorre também uma carência de representações significativas da figura feminina com papéis de autonomia, profundos, com protagonismo entre outros adjetivos que precisam ser debatidos. Essas representações colaboram com a criação de novos estereótipos e reforçamento deles visto que a mídia tem um papel fundamental formação das normas sociais de gênero, mudando percepções e comportamentos relacionados à identidade de gênero. (SUAREZ, 2025)

A hipersexualização da mulher nos filmes e séries pode ser vista em diversas obras significativas na indústria cinematográfica. Um exemplo importante a ser mencionado é o filme *Esquadrão suicida* de (2016) dirigido por David Ayer, um diretor, produtor e escritor estadunidense, que aborda o universo de anti-heróis que formam a força tarefa X, nesta produção há personagens característicos dos quadrinhos da produtora DC Entertainment, como Harley Quinn ou popularmente conhecida como Arlequina que foi um importante ponto de críticas sobre sua hipersexualização, tal como, a objetificação da personagem através de expressões físicas, vestimentas, comportamentais entre outros (RODRIGUES, 2018). Ademais, a saga dos filmes “Transformers” dirigido pelo diretor James Bold, é outro exemplo da caracterização de suas personagens femininas como seres impotentes, sendo exibidas pelas telas como belas e hipersensuais (BISCAIA, 2023). Além disto, não há como deixar de lado obras

atuais que fortalecem estas imagens, como o filme “Anora” produzido em (2024) pelo diretor e produtor Sean Baker. O filme narra a história da jovem Anora uma meretriz que acaba se casando com o herdeiro da máfia russa e um sonho de uma vida boa acaba se tornando um pesadelo, quando ela precisa enfrentar a dura realidade. Da mesma forma que Anora é retratada na produção cinematográfica, a figura feminina é exibida pelas telas de forma erotizada, sendo representada por meio de um contexto social e histórico que demonstra e invalidação que este corpo se coloca em uma cidadania (MARRA, 2025) bem como, a atriz, cantora, dramaturga Marilyn Monroe, considerada um sex symbol da década de 1950. Paralelamente, a atriz sendo considerada um símbolo de sensualidade e ingenuidade, e transformada em uma imagem versátil aos olhos de um grupo majoritariamente masculino, bem como e observado quando seus cabelos são tingidos e suas ações são modificadas para se interligarem com as ambições de um paralelo caracterizado correto para a indústria cinematográfica, mídias e sociedade. Esta caracterização é retratada e simbolizada através do filme que marcou a carreira da atriz “Os homens preferem as loiras” de (1953), a partir desta produção uma parcela da sociedade foi moldada, tal como os padrões sociais foram ressignificados, valorizando assim, um semblante mortal, mais que seja incapaz de relevar seus próprios significados de vida e cidadania.

É dessa maneira que a representação objetificada da mulher colabora com a piora da imagem da figura feminina na indústria cinematográfica. Ao coloca-las como um objeto sexual, de maneira que ultrapasse a sensualidade e se torne sexualizada, contribuimos com a perpetuação de padrões que reforçam a inferiorização da mulher reduzindo-as a papéis fetichistas feitas para o homem e anulando suas histórias além do que é imposto pela sociedade. Esse tipo de retrato contribui para exclusão feminina e ao invés de manter a autenticidade e promover a igualdade e autonomia feminina contribui para um ciclo de invisibilização das lutas e das vivências, reforçando estigmas que ultrapassam gerações.

No entanto, apesar da ainda predominância dessa lógica em muitos aspectos do cinema é notório que as lutas femininas são fatores importantes para o combate desse estigma. Apesar de muitos desafios, o protagonismo feminino é algo que está constantemente sendo debatido nos últimos anos e em razão disso uma crescente de cineastas que possibilitam o encerramento de estereótipos negativos e contribuem para novas histórias, com a visão de uma figura empoderada, com novas narrativas

que não giram em torno da figura masculina. Dessa maneira, segundo Redação DM apesar de conquistarem cada vez mais espaço nas produções audiovisuais.

Os dados negativos não param por aí: as mulheres são sub-representação em cargos de destaque no mercado brasileiro. Uma análise realizada pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA) e da Agência Nacional do Cinema (Ancine) mostra que em 20 filmes nacionais de maior público e renda, em cada um dos anos, de 2019 a 2023, apenas 20,9% da direção foi exercida por mulheres (REDAÇÃO DM, 2025)

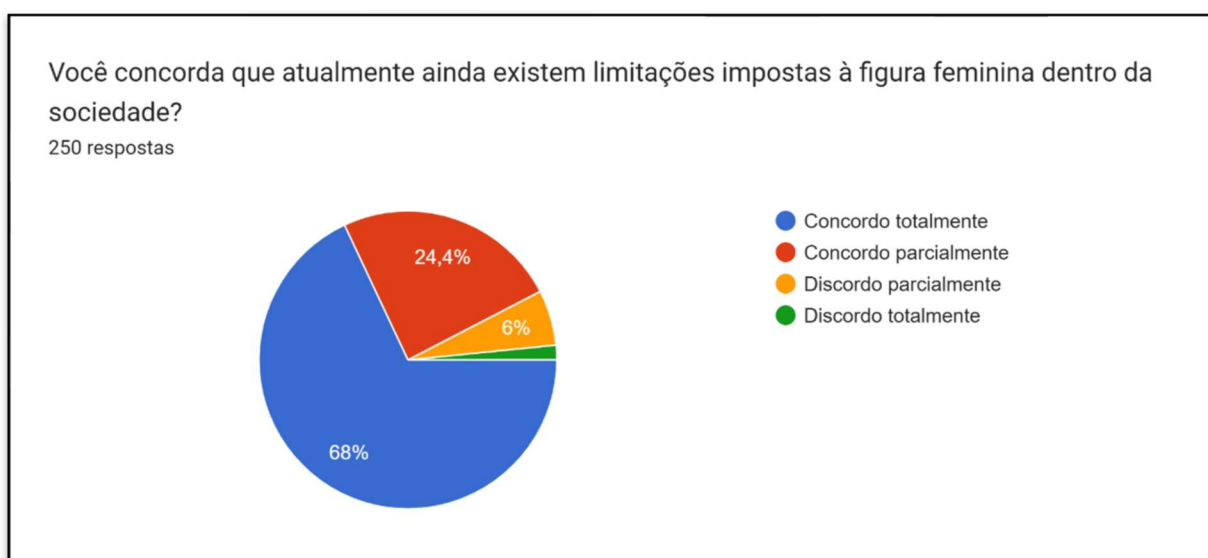
Assim, esse dado evidencia que apesar dos esforços para a conquista de mais espaço nas telas ainda é algo que caminha de forma lenta, e isso ocorre devido as fortes raízes da cultura patriarcal presente em toda a nossa sociedade. Essa baixa presença de mulheres revela a dominação do homem cis e branco na indústria que não apenas afeta na diversidade como também na maneira que a figura feminina é retratada. Por isso, surge a necessidade da diversidade nos sets para aumentar a inclusão, romper a dominação masculina e oferecer novas perspectivas para o mundo, consequentemente diminuindo o sexismo, a misoginia e o machismo com o cinema que tem uma grande importância de impactar e moldar percepções, comportamentos, e quando o audiovisual reduz esses estereótipos e aumenta a diversidade ele combate às desigualdades e desconstrói padrões impostos.

3 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo apresentada foi realizada através de um questionário com perguntas quantitativas e qualitativas a fim de coletar dados reais via plataforma Google Formulários, direcionado para 250 pessoas de diferentes gêneros e idades. O questionário conta com 15 perguntas com a temática o machismo na sociedade e os impactos na indústria cinematográfica. Desse modo, os principais correspondentes foram o gênero feminino com 56% seguido do gênero masculino com 40,4%.

3.1 Análise da pesquisa quantitativa

Gráfico 1 – Você concorda que atualmente ainda existem limitações impostas à figura feminina dentro da sociedade?



Fonte: As autoras (2025).

Diante dos resultados obtidos sobre se os respondentes concordam que atualmente existem restrições impostas as mulheres na sociedade, pode-se observar que a maioria dos participantes, 68% concorda totalmente. Isso sugere que a maioria dos entrevistados acreditam que as mulheres ainda enfrentam desigualdades sociais e barreiras na sociedade atual, ficando evidente que a equidade de gênero ainda não foi totalmente alcançada.

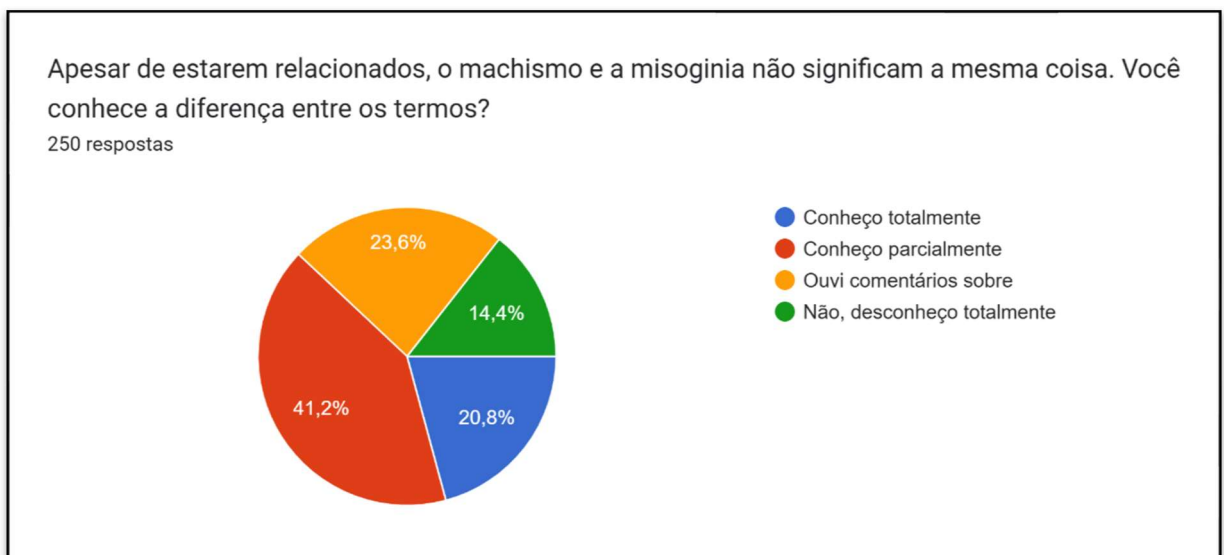
Além disso, 24,4% dos entrevistados concordam parcialmente, no que diz respeito à limitação da figura feminina no corpo social, o que pode sugerir que a

afirmação é verdadeira, porém, em partes, ou seja, há sim limitações, entretanto, não em todos os pontos de vista, ou da forma como é colocada.

Outrossim, obtivemos na pesquisa que apenas 6% dos respondentes discordam parcialmente e 1,6% discordam totalmente, não acreditando que hoje existam limitações impostas à mulher na sociedade, ficando claro com isso, a forma que apenas uma minoria não percebe tais limitações, e apesar de ser uma pequena parcela dos entrevistados ainda mostra que nem todos reconhecem essas distinções e indica diferentes percepções sobre igualdade de gênero.

O machismo enraizado tende a limitar a figura feminina em diversas áreas, como citado anteriormente a humanidade é historicamente masculina, onde a mulher é apenas o que o homem deseja que ela seja, não sendo vista como um ser independente e digno (BEAUVOIR, 1949 apud MOUALLEM; OLIVEIRA; FALCÃO, 2019). O corpo social é pensado para o homem, conseqüentemente, este fato reflete na presença da figura feminina dentro da sociedade, já que é limitada a ocupar apenas os papéis que são aceitos pelo desejo e olhar masculino.

Gráfico 2 – Apesar de estarem relacionados, o machismo e a misoginia não significam a mesma coisa. Você conhece a diferença entre os termos?



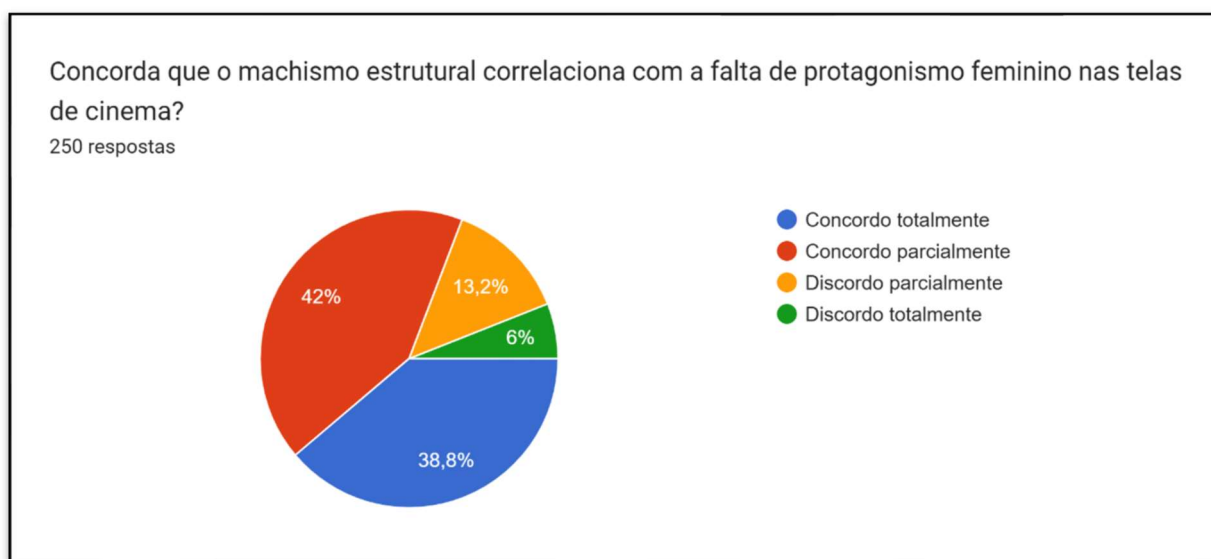
Fonte: As autoras (2025).

A partir do questionamento, os dados revelam que 41,2% dos respondentes conhecem parcialmente a diferença entre os termos misoginia e machismo. O que

indica que a maioria dos entrevistados possuem um certo conhecimento básico sobre os termos, entretanto, não possuem completo domínio no que diz respeito ao tema.

Além disso, 23,6% dos entrevistados afirmam que já ouviram comentários a respeito da misoginia e do machismo não serem a mesma coisa, porém, nota-se que apesar do pouco conhecimento, apenas em saber que existe uma diferença, os entrevistados não sabem qual exatamente a definição e a diferença deles. Ademais, percebe-se que uma parcela um pouco menor, mas ainda sim semelhante, de cerca de 20,8% conhece totalmente a diferença entre os termos propostos, evidenciando que embora o tema seja discutido socialmente, a compreensão da sociedade ainda é muito limitada. Isso se mostra no fato de que 14,4% dos respondentes desconhecem totalmente a definição ou a diferença entre os termos. Se tornando claro a necessidade de debater e esclarecer esses conceitos para combater de forma mais eficaz as desigualdades de gênero.

Gráfico 3 – Concorda que o machismo estrutural correlaciona com a falta de protagonismo feminino nas telas de cinema?



Fonte: As autoras (2025).

Como demonstrado nos dados coletados, 38,8% concordam totalmente e 42% concordam parcialmente com o questionamento apresentado, o que revela como essa correlação é perceptível aos olhos dos telespectadores e da população, que já reconhece os impactos que o machismo estrutural tem sobre a nossa sociedade atual e como isso se reflete nas produções cinematográficas de grande alcance, deixando

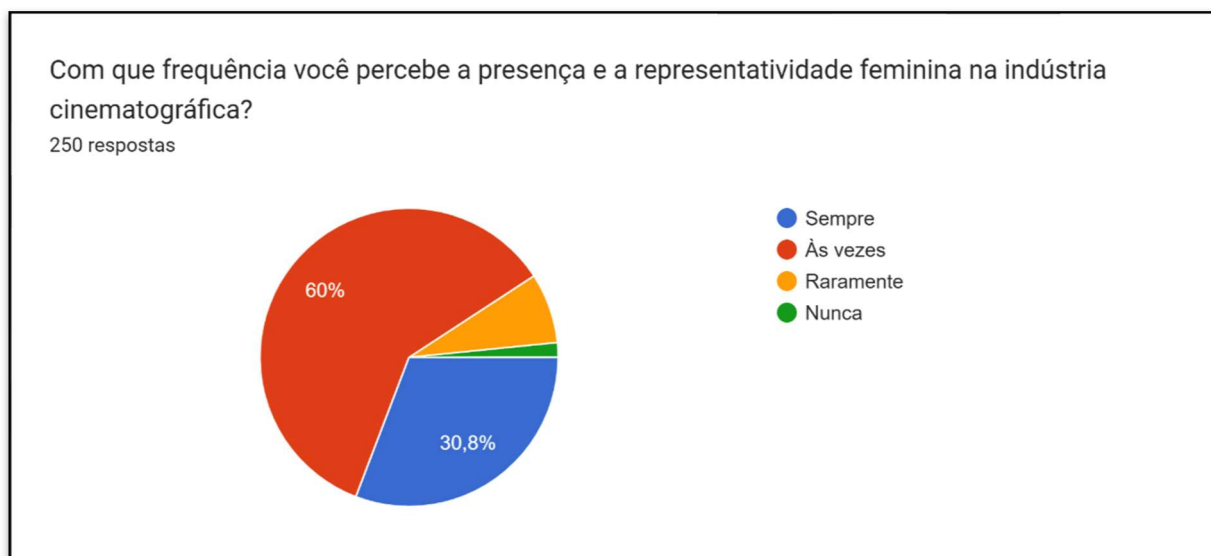
as figuras femininas afastadas do foco das narrativas apresentadas nas telas de cinema.

Por outro lado, 6% discordam totalmente e 13,2% discordam parcialmente, o que mostra que há ainda uma parcela da população que não percebe o impacto do machismo nas diversas áreas afetadas, ou até mesmo, tendo uma postura conservadora ao recusar perceber esta relação. Como previamente exposto no referencial teórico.

Essa construção patriarcal está tanto na ausência da mulher na indústria cinematográfica quanto na maneira que são retratadas, tendo em vista que muitas dessas retratações principalmente com a figura feminina são feitas de forma errada, com diversos estereótipos e de maneira sexualizada, ações que derivam do machismo vindo de anos que transformam a visão de toda uma sociedade, como quando enxergam as mulheres como figuras frágeis, sensíveis, enquanto os homens são fortes e racionais por exemplo. (DIALOGANDO... 2024).

Deixando em evidência, a necessidade de maior visibilidade para esta questão, que se mantém desde a criação do cinema, sendo reforçada pelas porcentagens dos que discordam e concordam parcialmente, mostrando certa incerteza sobre o reconhecimento dos impactos que o machismo estrutural causa no meio cinematográfico.

Gráfico 4 – Com que frequência você percebe a presença e a representatividade feminina na indústria cinematográfica



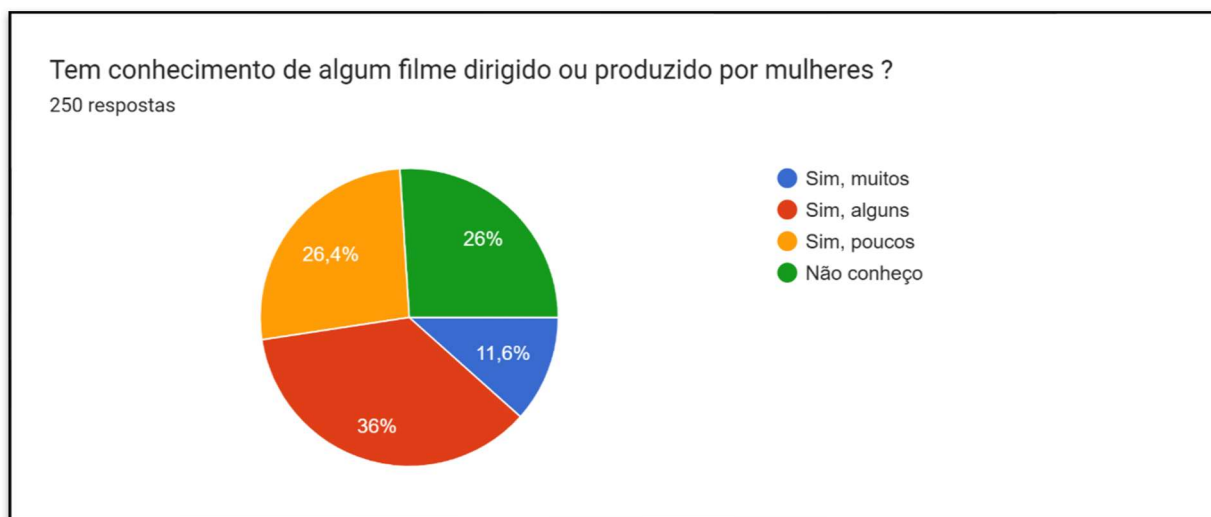
Fonte: As autoras (2025).

Ao questionarmos se os entrevistados possuem o costume de notar a presença e a representatividade feminina na indústria cinematográfica obtivemos que a imensa maioria dos respondentes, 60% percebem a presença feminina, às vezes, isso indica que embora a maioria perceba ocasionalmente a presença ainda não há uma constância nessa representatividade. A pesquisa também nos mostra que apenas 30,8% dos entrevistados afirmam perceber essa representatividade de forma contínua. É possível que essa parcela acompanhe produções mais diversas.

Ademais, os dados revelam que cerca de 9,2% dos entrevistados raramente ou que nunca percebem a presença de figuras femininas atuando neste setor evidenciando que a consolidação da mulher nessa área, ainda enfrenta grandes desafios.

Assim, torna-se claro, que a maneira que a figura feminina é colocada na indústria do audiovisual possui um grande impacto na visão das mesmas na sociedade, visto que uma vez colocada de forma errônea, pode levar ao reforçamento da ideia de homem superior a mulher, pode afetar a autoestima e saúde mental e até mesmo causar a falta de inspiração de meninas e mulheres nas telas.

Gráfico 5 – Tem conhecimento de algum filme dirigido ou produzido por mulheres?



Fonte: As autoras (2025).

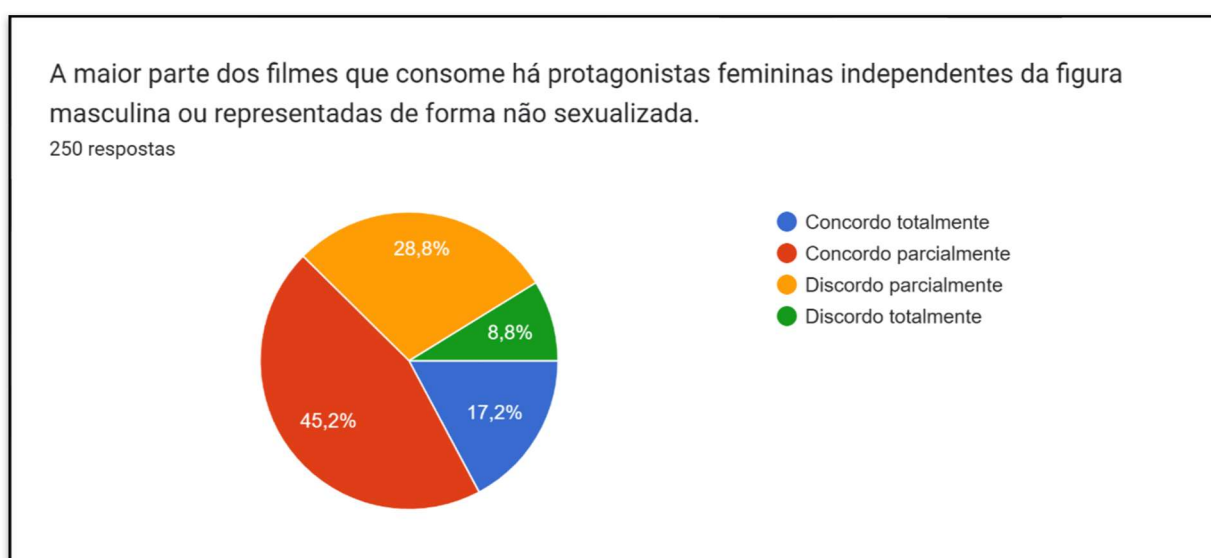
Referente ao conhecimento de obras cinematográficas produzidas e/ou dirigidas por mulheres obtivemos de maneira resumida que a imensa maioria (cerca de 62,4%) conhece poucos ou apenas alguns destes filmes. Enquanto, apenas 11,6%

dos respondentes tem conhecimento de muitos filmes que contam com a direção e produção de mulheres.

Além disso, os dados também nos revelam que cerca de 26% não conhecem nenhuma produção cinematográfica que conta com a presença feminina na direção e produção cinematográfica, o que evidencia o pouco reconhecimento das mulheres não apenas nos sets de filmagem, como também nos diversos mercados de trabalho.

Esses resultados, reforçam que apesar da crescente luta por mudanças apenas na área, e dos frutos serem recolhidos através das pessoas conhecendo cada vez mais obras dirigidas e produzidas por figuras femininas, a consolidação da mulher no mercado cinematográfico ainda é um processo em desenvolvimento constante, que ainda sim é marcado por desigualdades e baixa visibilidade. Mesmo com o crescimento de diretoras e produtoras elas ainda não ocupam o mesmo lugar de destaque dos homens, devido ao machismo estrutural enraizado na sociedade.

Gráfico 6 – A maior parte dos filmes que consome há protagonistas femininas independentes da figura masculina ou representadas de forma não sexualizada

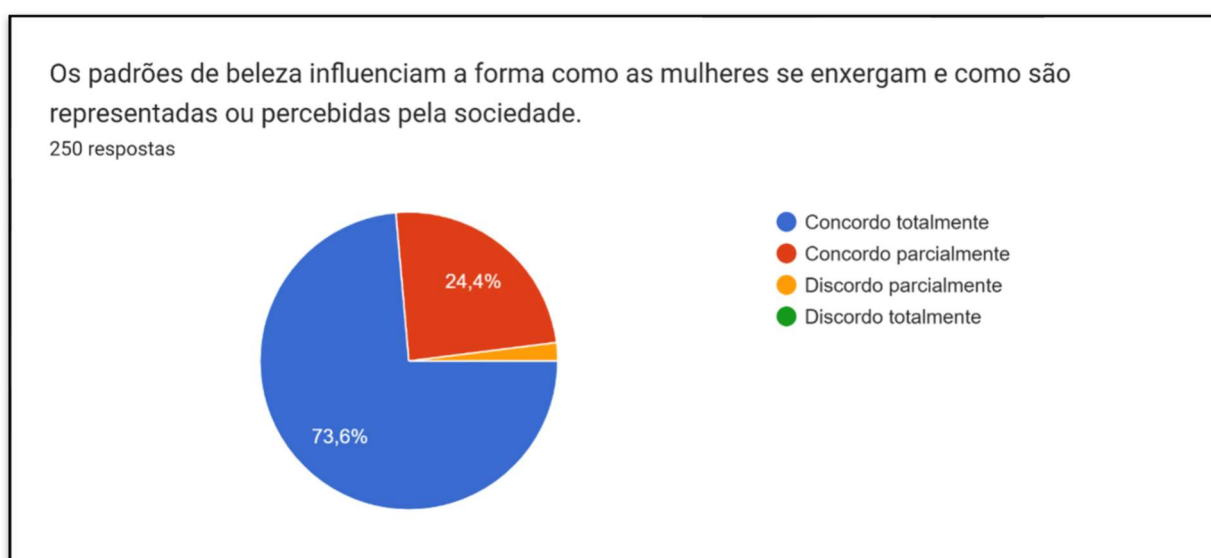


Fonte: As autoras (2025).

Os dados evidenciam que apenas 17,2% concordam totalmente que consomem filmes que mostram personagens femininas fortes e independentes e não sexualizadas diante das produções cinematográficas, contudo este dado revela-se preocupante tendo em vista que 45,2% concordam parcialmente e 28,8% discordam parcialmente, comprovando assim a forma que a indústria cineasta expõe este corpo ultrapassando suas morais e limites dentro de uma sociedade, deste modo, com a

visão que estas produções passam em sociedade a respeito do corpo feminino é possível perceber a desmoralização e desvalorização, reforçando assim os estereótipos de sua imagem dependente da figura masculina e um objeto de desejo sexual. Ademais, 8,8% das respostas discordaram totalmente, refletindo o olhar que uma porcentagem da população tem a respeito da persona feminina, demonstrando a falta de percepção do machismo e da misoginia em sociedade.

Gráfico 7 – Os padrões e beleza influenciam a forma como as mulheres se enxergam e como são representadas ou percebidas pela sociedade.



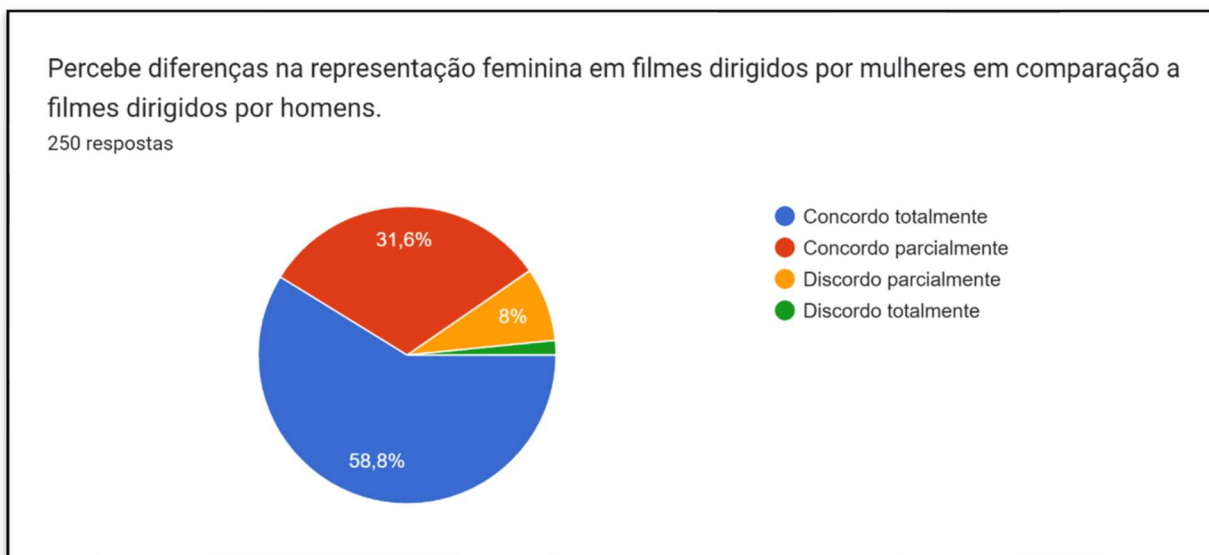
Fonte: As autoras (2025).

De acordo com os resultados da coleta de dados, percebe-se que a questão levantada sobre o impacto dos padrões de belezas impostos pela sociedade sobre as mulheres e como são vistas e se vêem é algo bastante percebido por grande parte dos que participaram da pesquisa, sendo reforçado pelas porcentagens de 73,6% de pessoas que concordaram totalmente e 24,4% que concordam parcialmente, além da baixa porcentagem de discordância, tendo apenas 2% discordando parcialmente.

Deixando em evidência, como essa questão é algo perceptível e inegável em nossa sociedade, demonstrando como os padrões de beleza continuam tendo forte influência sobre as figuras femininas e como são representadas e vistas pela sociedade. Essa cobrança estética, é algo que afeta fortemente a autoestima e confiança das mulheres, já que infelizmente, na atual sociedade ainda machista e opressora, o valor feminino é diretamente associado à sua aparência. Dessa forma,

vale ressaltar a necessidade de debates e maior visibilidade sobre o assunto, investindo em uma mudança do pensamento coletivo e diminuição das cobranças estéticas impostas sobre as mulheres, que impactam de forma negativa na saúde mental das mesmas.

Gráfico 8 – Percebe diferenças na representação feminina em filmes dirigidos por mulheres em comparação a filmes dirigidos por homens.



Fonte: As autoras (2025).

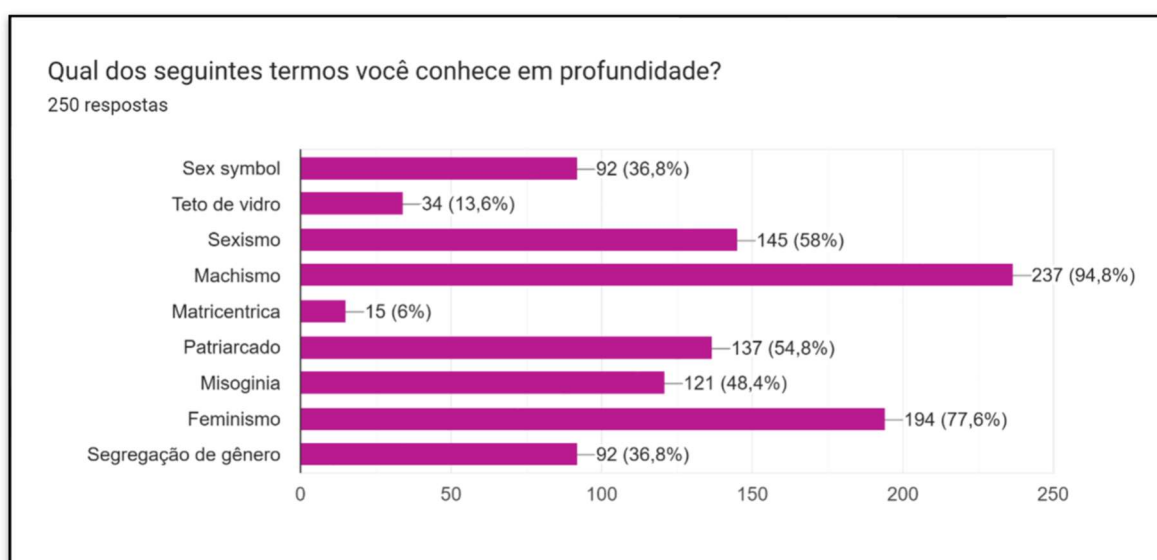
O gráfico nos mostra que a maioria dos respondentes percebe diferenças na representação de mulheres em obras cinematográficas dirigidas por mulheres em comparação a filmes dirigidos por homens. Cerca de 58,8% dos entrevistados concordam totalmente, ou seja, enxergam de forma clara, que existem distinções nas obras, como por exemplo na forma que são colocadas nos papéis, nas histórias que são contadas. Além do mais, 31,6% concordam parcialmente, acham que há uma diferença, entretanto de uma maneira mais leve ou apenas em alguns casos, totalizando cerca de 90,4% que afirmam que existe sim uma desigualdade.

Por fim, em contrapartida, apesar de quase concordância total dos entrevistados, uma pequena parcela dos respondentes, cerca de 8% discordam parcialmente, possivelmente acreditam que não há muita diferença porém enxergam que pode haver em alguns poucos casos. A notável diferença de representação não é recente, como citado anteriormente, desde o início da utilização de cores nas telas de Hollywood, a figura feminina vem sendo filmada com maior ênfase em suas curvas e iluminação para a cena, com o intuito de transformar a personagem em um objeto de desejo do público masculino (TURNER, 1993, p. 84). Essa abordagem reflete a

visão masculina que dominava anteriormente nas produções cinematográficas, onde as mulheres eram apresentadas apenas como um agrado visual ao homem, diferente da representação sob a visão feminina, que tende a explorar as figuras como um personagem além de apenas seus atributos físicos.

Dessa forma, fica claro que a sociedade vem se politizando cada vez mais e percebendo a diferença entre a visão masculina e a feminina, quando se refere a retratação das mulheres nos filmes, sejam em obras que as objetificam, as sexualizando, diminuindo-as a apenas papéis futeis ou agradáveis aos olhos masculinos, ou transformando a figura feminina a apenas uma personagem secundárias das histórias masculinas.

Gráfico 9 – Qual dos seguintes termos você conhece em profundidade?



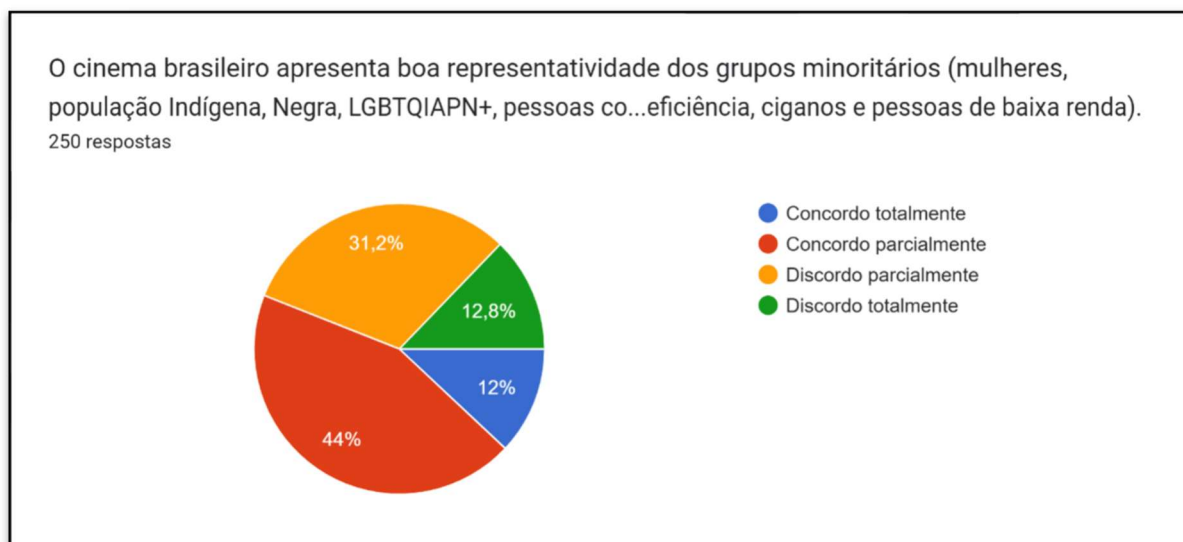
Fonte: As autoras (2025).

De acordo com as respostas obtidas, nota-se grande discrepância entre o conhecimento aprofundado sobre os termos apresentados, sendo os de maior reconhecimento entre as alternativas, o Machismo com a porcentagem de 94,8%, Feminismo com o reconhecimento de 77,6% e Sexismo com 58% das opções selecionadas. Indicando que os termos onde envolvem tanto a figura feminina quando a masculina são os mais tratados e presentes nos diálogos e conhecimento da população atualmente.

Porém, como os menos selecionados da pesquisa, temos o termo Teto de Vidro com 13,6% das respostas obtidas e Matricêntrica com 6% como a de menor

conhecimento entre todas as alternativas apresentadas. Demonstrando a falta de debates e estudo sobre expressões que abordam apenas sobre as mulheres, tanto como suas dificuldades quanto em suas conquistas, indicando como as mesmas raramente estiveram no centro do interesse da sociedade, o que torna os termos sobre menos conhecidos e pouco debatidos. Evidenciando assim, a necessidade de maior divulgação para aumentar as discussões e o conhecimento sobre as expressões que tratam sobre as lutas e posição social das mulheres.

Gráfico 10 – O cinema brasileiro apresenta boa representatividade dos grupos minoritários (mulheres, população Indígena, Negra, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, ciganos e pessoas de baixa renda).



Fonte: As autoras (2025).

Com os dados apurados se faz necessário analisar que 44% concordam parcialmente, o que demonstra que em certos aspectos há sim uma boa representatividade dos grupos minoritários, possivelmente com apenas alguns grupos, ou em apenas algumas obras. Além disso, apenas 12% dos respondentes concordam totalmente que há boa representatividade na indústria cinematográfica brasileira dos grupos minoritários. A pequena porcentagem reflete a falta de investimentos e desvalorização da área, além do pouco conhecimento que a população possui em relação ao cinema nacional, consequências também da desvalorização e uma indústria que enfrenta grandes desafios.

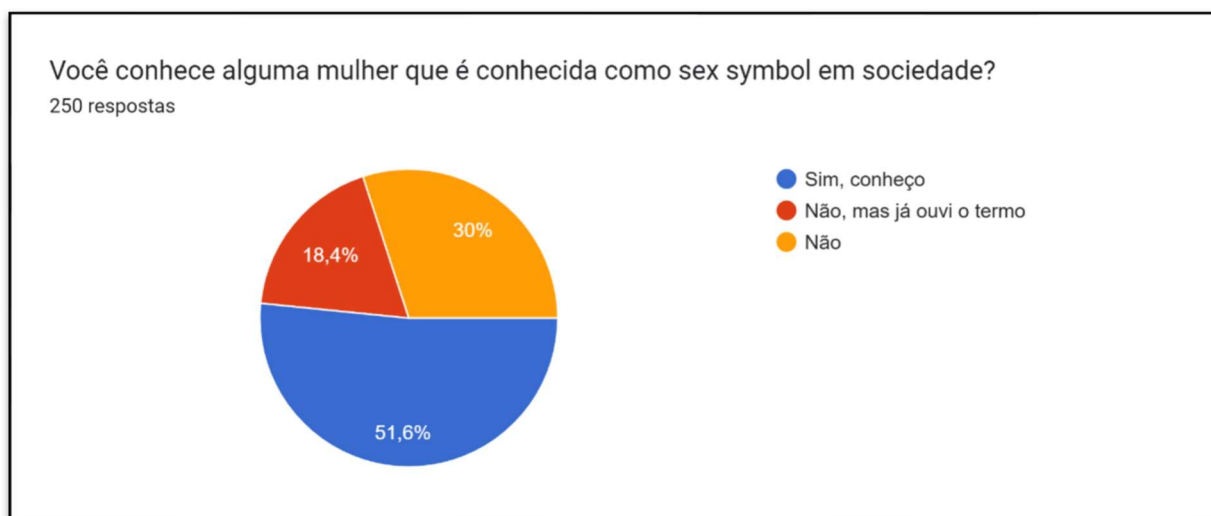
Além do mais, 12,8% discordam totalmente, expondo de mesmo modo, como essa relação do cinema nacional e a sua criação através de olhares demonstram na

atualidade a falta de investimentos e reconhecimento, acarretando na desvalorização desta indústria no próprio país, levando aos telespectadores não se adentrarem no mercado das produções nacionais.

Por fim, 31,2% discordam parcialmente, o que mostra que há muitas pessoas que enxergam uma pequena representação dos grupos minoritários no cinema nacional, entretanto, acreditam, que ela não é justa, ou suficiente, ou seja, há sim uma pequena parcela de participação, mas há a falta de valorização, mostrando que esses grupos não possuem a visibilidade necessária nem o espaço que merecem.

Dessa forma, percebemos que apesar dos desafios enfrentados, o a indústria do audiovisual brasileira ganha mais reconhecimento atualmente e está sendo cada vez mais aclamada por propor em suas obras vivências de uma grande parcela desmerecida da sociedade brasileira, salientando suas diversas realidades.

Gráfico 11 - Você conhece alguma mulher que é conhecida como sex symbol em sociedade?



Fonte: As autoras (2025).

Após o levantamento das informações apresentadas 51,6% conhecem mulheres conhecidas como sex symbol em sociedade, desta maneira podemos evidenciar a maneira como a construção desta figura feminina foi representada como um objeto sexual, sendo firmada a estereótipos construídos pelos meios midiáticos para os desejos masculinos desclassificando as morais, qualidades e consentimento das escolhas femininas sobre o próprio corpo, contudo os outros dados exibidos mostram que 30% não conhecem e 18,4% não conhecem mas já ouviram o termo,

indicando desta forma, que apesar da grande parcela das respostas demonstrarem que a maioria dos respondentes não terem o entendimento do termo sex symbol e não conhecerem nenhuma mulher que faça parte deste meio reforça a falta de discernimento e percepção sobre como o machismo que se enquadra ao classificar mulheres no meio da indústria do cinema, contudo é importante ressaltar a pequena porcentagem de respostas que refletem como a normalização da sexualização dos corpos femininos não são reconhecidos e nem percebidos por uma parcela da sociedade.

3.2 Análise de pesquisa qualitativa

1. Como você acha que a indústria cinematográfica impacta a visão de grupos minoritários dentro da sociedade?

Após a análise do resultado da questão apresentada aos participantes do questionário, abordando de que maneira, a indústria do audiovisual, influencia a perspectiva de grupos minoritários, entre eles as mulheres, dentro da sociedade, obtivemos resposta de 250 entrevistados de todos os gêneros que contaram o que consideram a respeito do questionamento feito.

Partindo desse pressuposto, cerca de 12,4% dos respondentes afirmam que a indústria impacta na maneira como esses grupos minoritários são vistos, de forma mais clara, quando representados tanto de maneira negativa, reforçando estereótipos uma vez criados, despejando nas obras muitas vezes de forma discreta um preconceito estrutural, mesmo na falta de representatividades quanto de maneira positiva devido ao seu grande impacto e grande alcance.

Além disso, obtivemos que 16,2% dos participantes acreditam que a indústria influencia a sociedade acerca de opiniões/padrões em relação dessa parcela minoritária.

Cerca de 10,8% dos respondentes afirmam que o impacto da indústria acontece no modo em que as minorias afetadas se veem, ou seja, na autoimagem das mesmas, muitos citam a maneira que a indústria tem a capacidade de moldar a autoestima das figuras, com padrões de beleza irreais e muito elevados. Além disso, dentro desta porcentagem estão os respondentes que acreditam que a indústria impacta ao objetificar e sexualizar, excepcionalmente mulheres em obras cinematográfica, as quais são majoritariamente conduzidas por um olhar pré-concebido masculino,

atribuindo objetificações, desejos e ideais baseados em suprir uma expectativa machista, colocando a figura feminina de acordo com ideais baseados em estereótipos.

Em seguida, obtivemos que 7,6% dos entrevistados acreditam que o impacto é negativo, tendo em vista que, a indústria cinematográfica é um mercado de pouca representatividade, pouca inclusão, não dá a devida visibilidade para essa camada social, além das poucas oportunidades que essas minorias possuem. Entretanto, em contraste com o dado citado acima, 7,2% dos respondentes afirmam que a indústria é um espaço que pode oferecer boas oportunidades, oferecer mais visibilidade uma melhor representatividade.

Ademais, 5,2% dos participantes disseram que a indústria cinematográfica impacta quando criam ou reforçam certos estereótipos, colocando-os como inferiores, podendo agravar preconceitos, a exclusão dessas minorias, a grande influência dessa indústria tem o poder de promover a inclusão, o respeito e a dignidade contudo, ao usar essa influência de forma errata modificando a forma como esses grupos são percebidos e respeitados.

2. Como você acha que a construção social do machismo e da misoginia impacta na visão da mulher na indústria cinematográfica?

Ao questionarmos acerca da opinião dos entrevistados de que maneira as estruturas sociais do patriarcado na maneira que a figura feminina é vista e retratada no cinema, obtivemos 250 respostas de pessoas de todos os gêneros. Esse questionamento foi pensado a princípio, para o entendimento da maneira como os dois comportamentos sociais, machismo e da misoginia, se desenvolveram historicamente possuem certas influências e presença na organização social presente hodierna, influenciando nas crenças estereotipadas e dos preconceitos pré-concebidos através do audiovisual, realçando ainda mais as perspectivas que se obtém através do corpo feminino, classificando-a como um corpo a ser consumido, um objeto de prazer masculino.

Primariamente, 28,4% dos entrevistados após o questionamento, expõem que a maneira que a construção da cultura do patriarcado que ainda exhibe indícios nas representações impostas pelo senso masculino, manifesta-se cada vez mais a objetificação imposta para o corpo e autoimagem de uma figura feminina, inserindo-

a ao um padrão inalcançável de beleza, tendo em vista, que o modo de representá-las com conotações sexuais e estereótipos reflete em uma grande parcela da sociedade feminina, de maneira que problemas com a autoimagem estão cada vez mais aparente.

Cerca de 11,2% dos respondentes afirmam que o impacto se dá influenciando a visão que a sociedade tem das mulheres, e na forma como elas são representadas e vistas nos cinemas. O machismo e a misoginia enraizados na sociedade refletiram em obras onde a figura feminina foi reduzida a papéis secundários, sendo apenas o complemento do protagonismo dos homens ou hipersexualizadas. Além desses fatores discriminatórios narrarem a maneira como são colocadas na indústria do audiovisual, também influência como o público enxerga os seus papéis.

Em seguida, obtivemos que 6% acreditam que a misoginia e o machismo impactam através dos estereótipos criados e reforçados pela indústria cinematográfica. Na pesquisa, os entrevistados usam como exemplo os estereótipos que se dão através de pequenos gestos, falas e representações seja em obras que colocam a figura feminina como alguém frágil, sensível, insegura, dependentes de um romance, seja em papéis secundários, colocados de lados apenas para completar histórias masculinas, ou mesmo papéis sexualizados.

Ademais, 5,2% dos participantes avaliam que a misoginia e o machismo resultam em menos oportunidades as mulheres na indústria cinematográfica. É citado também, a desvalorização, a falta de reconhecimento a exclusão de atrizes, diretoras, cineastas nessa indústria. Essa problemática se dá devido ao preconceito enraizado na sociedade, causando a inferiorização da figura feminina, cargos mais limitados que os de homens, ou mesmo em papéis estereotipados como já citado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho aborda a questão problema que traz a falta de representatividade e o reflexo do impacto do machismo e na exclusão de cineastas e protagonistas femininas em grandes produções cinematográficas. Além disso, o estudo abordou a forma que a figura feminina é representada na indústria do audiovisual, que devido ao machismo e misoginia presentes em nossa sociedade, em diversas obras trouxe a figura feminina de maneira sexualizada, estereotipada ou má representada. Antes de compreender o desigual tratamento perante as mulheres dentro do audiovisual se foi necessário analisar o contexto histórico que ainda percorre na sociedade contemporânea, a fim de entender o que levou ao impacto da má representação e exclusão delas no corpo social, nas telas e em seus bastidores.

Referente ao que foi exposto no referencial teórico, é notável que a bibliografia referenciada correspondeu às expectativas, visto que pudemos ter maior compreensão e aprofundamento sobre termos associados à exclusão e ódio da mulher no grupo social, sobre a maneira que o machismo e a misoginia se penduraram em sociedade ao longo de milhões de anos, a luta de movimentos feministas que um dia lutaram para a conquista de direitos básicos a mulher, além da evolução do cinema e a representatividade dentro dele, e por fim, pudemos entender a forma clara que a aversão, a repulsa e o preconceito contra mulheres que se pendura durante séculos refletiu na ausência da mulher e na representatividade sexualizada e estereotipada em produções cinematográficas, com dados importantes que evidenciam estes fatos.

Diante de tudo que foi apresentado, conclui-se que os objetivos do nosso trabalho foram alcançados, tendo em vista que se embasaram na compreensão dos objetivos pré-definidos, peças essenciais para o melhor direcionamento da execução do trabalho, possibilitando confirmar a limitação e ausência da figura feminina dentro das representações do audiovisual, quando apresentadas em grandes obras, estão dentro de um estereótipo pré-definido desde o surgimento do cinema ou então são apresentadas de forma sexualizadas. Desta maneira, o pressuposto apresentado se alinha aos nossos objetivos, uma vez, que ao analisar e representar a ausência e limitações das mulheres no audiovisual, sobretudo, quando sexualizadas ou inseridas em estereótipos confirmam as nossas hipóteses de que o machismo e a misoginia são os principais motivadores da discriminação, tanto na exclusão de mulheres quanto na má representação em produções cinematográficas, que foram discutidas ao longo

do trabalho. As ideias propostas trouxeram as reflexões e o permitiram evidenciar ainda mais as dificuldades e preconceitos que as mulheres continuam enfrentando até a atualidade, consolidando assim o cumprimento dos objetivos estabelecidos.

Em suma, os pontos apresentados confirmam a teoria de que o machismo e toda a sua estrutura construída a partir dos pensamentos e dos ideais masculinos acerca do corpo e do papel social feminino, os quais vem sendo cada vez mais fomentado através de uma indústria caracterizada por suas apresentações estereotipadas e sexualizadas de seus personagens, negligenciando assim, não só um olhar sobre o corpo feminino, mas o seu lugar de fala. Sobre esse viés, os dados coletados após a realização da pesquisa de campo, se fez necessário para perceber que, em sua maioria, os participantes percebem a exclusão da figura feminina dentro da sociedade e a ausência das mesmas como protagonistas em grandes obras cinematográficas, o que reforça a necessidade de maior visibilidade e reconhecimento do fato na atualidade para que este cenário se transforme em uma realidade onde se há a igualdade e representações respeitadas das mulheres dentro do meio audiovisual.

Sendo assim, para futuros trabalhos e pesquisas em perante ao assunto abordado as sugestões são diversas, entretanto é necessário sobretudo entender a origem da problemática: o machismo enraizado que molda percepções e comportamentos até os dias atuais. Ademais, é imprescindível que o governo realize investimentos na área, possibilitando a qualificação e o fortalecimento de obras e grandes produções cinematográficas roteirizadas e produzidas por mulheres. Além do setor midiático, que através de palestras e publicidades sobre o tema, conscientizará cada vez mais a população. Outrossim, buscar saber a opinião das figuras femininas inseridas dentro do meio cinematográfico, através de entrevistas e pesquisas, as tendo como o centro da questão para promover os conhecimentos diante da temática e possibilitando modificar esses ideais, para que se torne possível alcançar a equidade dentro do setor audiovisual, considerando que no cenário contemporâneo as mulheres têm como desvantagem o machismo estrutural.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_ADM. **A História do Cinema Brasileiro.** Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/a-historia-do-cinema-brasileiro/?amp=1>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

“Anora”: **rescisão de vínculos e consciência de classe.** Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2025/02/13/anora-rescisao-de-vinculos-e-consciencia-de-classe/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA. **Diversidade no cinema: quais os principais desafios a serem enfrentados?** São Paulo, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/diversidade-no-cinema/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA. **Mulheres no audiovisual — uma reflexão.** São Paulo: AICinema, 08 out. 2018. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/mulheres-no-audiovisual-uma-reflexao/>. Acesso em: 07 mar. 2025.

ALMA PRETA. **Mulheres pretas e pardas são mais da metade das vítimas de violência no Brasil, diz relatório.** Cotidiano, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mulheres-pretas-e-pardas-sao-mais-da->

AMBROSINI, Camila. **Joana D’Arc, da diabolização à canonização.** In: Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões — Educação, Religião e Respeito às Diversidades, Florianópolis, SC, Brasil, 20-22 Nov. 2017. Anais dos Simpósios da ABHR, Florianópolis, v. ?, n. ?, p. ?, 2017. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1631/1237>. Acesso em: 03 abr. 2025

ANA BEATRIZ DIAS. **Apenas 38% dos filmes possuem protagonistas mulheres, diz estudo.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/apenas-38-dos-filmes-possuem-protagonistas-mulheres-diz-estudo/>>. Acesso em: 07 mar. 2025.

AVMAKERS. **A desigualdade de gênero no cinema.** São Paulo: AvMakers, 9 anos atrás. Disponível em: <https://www.avmakers.com.br/blog/a-desigualdade-de-genero-no-cinema>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BALBINOTTI, Izabele. **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO EXPRESSÃO DO PATRIARCADO E DO MACHISMO.** Revista da ESMESC - Publicação contínua, [S. l.], v. 25, n. 31, p. 239–264, 2018. DOI: 10.14295/revistadaesmesc.v25i31.p239. Disponível em: <https://esmesc.emnuvens.com.br/re/article/view/191>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. Sociedade e Estado, v. 29, n. 2, p. 449–469, maio 2014. Acesso em: 23 mai. 2025.

BARBOSA, A. B. **Como o machismo incentiva uma masculinidade tóxica e prejudicial aos homens**. Disponível em: <<https://dialogando.com.br/comportamento/machismo/>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BRAGA, MR E AP **10 provas da existência do machismo no cinema**. Disponível em: <<https://institutodea.com/artigo/10-provas-das-existencia-do-machismo-no-cinema/>>. Acesso em: 04 abr. 2025.

BRASIL ESCOLA. **História do cinema: origem, evolução, resumo**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/cinema.htm>. Acesso em: 11 abr. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: publicação original. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 5 out. 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 29 mai. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BY INTI. **História do teatro: origem e evolução dessa arte**. Disponível em: <https://byinti.com/blog/o-movimento-inti/historia-do-teatro/>. Acesso em: 04 abr. 2025.

C. R. J. **Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 15–23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **A conquista do voto feminino**. Brasília: Câmara dos Deputados, s.d. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/a-conquista-do-voto-feminino/index.html>. Acesso em: 04 abr. 2025.

CAROLINEC. **História do Cinema: da sua origem aos dias de hoje**. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-da-sua-origem-aos-dias-de-hoje/?amp=1>>. Acesso em: 07 mar. 2025.

CARTACAPITAL. **Cultura do estupro: o que a miscigenação tem a ver com isso?** São Paulo: CartaCapital, 08 jun. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cultura-do-estupro-o-que-a-miscigenacao-tem-a-ver-com-isso/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

CINEMA pode ajudar na reformulação de estereótipos atribuídos a mulheres. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/cinema-pode-ajudar-na-reformulacao-de-estereotipos-atribuidos-a-mulheres/>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

D'ARC, J. História Hoje: **Beatificação de Joana D'arc.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2024-04/historia-hoje-beatificacao-de-joana-darc>>. Acesso em: 03 abr. 2025.

DE BEAUVOIR, S. **O SEGUNDO SEXO.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/o-segundo-sexo-2.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DE, F. **Ainda estamos aqui: o papel do cinema brasileiro na construção da identidade cultural** | Observatório da Imprensa. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/cultura/ainda-estamos-aqui-o-papel-do-cinema-brasileiro-na-construcao-da-identidade-cultural/>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Cartilha de Violência de Gênero. Porto Alegre:** DPE-RS, 2023. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/202303/08151200-cartilha-de-violencia-de-genero.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2025.

Dia do Cinema Brasileiro: **14 filmes para conhecer a história da nossa sétima arte, e onde assistir** - Ingresso.com. Disponível em: <<https://www.ingresso.com/noticias/lista-14-filmes-para-conhecer-ahistoria-do-cinema-brasileiro-onde-assistir>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DIANA, Daniela. **Estereótipo: o que é, tipos e exemplos.** Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

EDUCA MAIS BRASIL. **Estereótipo** – Sociologia Enem. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/estereotipo>. Acesso em: 10 abr. 2025.

EDUCA MAIS BRASIL. **Feminismo** – História (ENEM). Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo>. Acesso em: 05 jun. 2025.

EDUCA MAIS BRASIL. Índios: **o Brasil antes do “descobrimento”** [online]. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/indios-o-brasil-antes-do-descobrimento.htm>. Acesso em: 30 mai. 2025.

EDUCA MAIS BRASIL. **Teatro grego** – Artes ENEM. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/teatro-grego#:~:text=As%20mulheres%20n%C3%A3o%20faziam%20parte,m%C3%A1sca>

ras%2C%20instrumento%20indispens%C3%A1vel%20ao%20figurino. Acesso em: 11 abr. 2025.

EDUCAÇÃO / Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. **Pioneiras do Cinema**. Vitória: UFES, [s.d.]. Disponível em: <https://cinema.ufes.br/pioneiras-do-cinema>. Acesso em: 07 mar. 2025.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. **Quem é Maria da Penha**. Instituto Maria da Penha, 2025. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>. Acesso em: 08 jun. 2025.

FIA ONLINE. **Representatividade** – Blog FIA. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/representatividade/#:~:text=A%20representatividade%20promove%20a%20inclus%C3%A3o,se%20sintam%20validadas%20e%20representadas>. Acesso em: 08 jun. 2025.

FRANCO, Michelle Romualdo. **O tratamento do gênero feminino nas produções fílmicas de Martin Scorsese: análise de Taxi Driver e O Lobo de Wall Street**. 2018. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2018. Acesso em: 11 abr. 2025.

GRUBBA, Leilane Serratine. **A representação da mulher no cinema: um estudo a partir da pesquisa em estado do conhecimento**. Sequência Estudos Jurídicos e Políticos, Florianópolis, v. 43, n. 92, p. 1–26, 2023. DOI: 10.5007/2177-7055.2022.e77652. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/77652>. Acesso em: 5 mar. 2025.

HIRSCH, Lorena Araujo. **Conheça a história por trás da criação de Frankenstein**. Biblioteca do CE Cult/UFRB, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/323-conheca-a-historia-por-tras-da-criacao-de-frankenstein>. Acesso em: 10 abr. 2025.

K. **Violência de gênero, sexualidade e saúde**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. S146-S155, 1994. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/v10s1/v10supl1a10.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2025

KAGAN, J. **The Glass Ceiling: Definition, History, Effects, and Examples**. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/g/glass-ceiling.asp>. Acesso em: 14 de jun. 2025.

KGRNET S. **A Origem do Cinema - InC** | Instituto de Cinema | Cursos de Cinema e Atuação. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>. Acesso em: 04 abr. 2025.

KUNDU, A. **Marilyn Monroe And The Sexist Idea Of Sex Symbol**. Disponível em: <<https://feminisminindia.com/2022/06/02/marilyn-monroe-and-the-sexist-idea-of-sex-symbol/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LAUZEN, Martha M. (dir.). **Center for the Study of Women in Television & Film – Research**. San Diego: San Diego State University, 2025. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/research/>. Acesso em: 04 abr. 2025.

LIANE, P.; HERMES ZANELLA, C. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.atfcursosjuridicos.com.br/repositorio/material/3-leitura-extra-02.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2025.

MARK, J. J. **As Mulheres na Idade Média**. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1345/as-mulheres-na-idade-media/>>. Acesso em: 03 abr. 2025.

MEGA CURIOUS. **Como era a vida da mulher no Brasil colonial?** 02 out. 2022. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/educacao/123067-como-era-a-vida-da-mulher-no-brasil-colonial.htm>. Acesso em: 30 mai. 2025.

MELITO, L. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo/>>. Acesso em: 03 jun. 2025.

MENDES, Rafael Pereira da Silva. **O que é feminismo?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm> Acesso em: 05 jun. 2025.
[metade-das-vítimas-de-violencia-no-brasil-diz-relatorio/](https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm). Acesso em: 03 jun. 2025.

MORENO, R. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Ágora, 2008. Acesso em: 05 mar. 2025.

MOUALLEM, L. **Nexo Jornal**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/especial/2019/05/02/o-segundo-sexo-as-duvidas-e-os-porques-sobre-ser-mulher>>. Acesso em: 29 mai. 2025.

NÃO se nasce mulher, torna-se mulher | Filosofia na Escola. Disponível em: <<https://filosofianaescola.com/politica/nao-se-nasce-mulher-torna-se-mulher/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Joana D’Arc: 7 curiosidades históricas sobre a guerreira e santa francesa**. Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/05/joana-darc-7-curiosidades-historicas-sobre-a-guerreira-e-santa-francesa> Acesso em: 03 abr. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Os 3 fatos surpreendentes sobre Mary Shelley, a criadora da obra “Frankenstein”**. São Paulo, 30 ago. 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/08/os-3-fatos-surpreendentes-sobre-mary-shelley-a-criadora-da-obra-frankenstein>. Acesso em: 09 mai. 2025.

NEGRA, G. I. DA M. **O conceito de gênero por Pierre Bourdieu: a dominação masculina**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina/>>.

O que é objetificação da mulher? Disponível em: <<https://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PAGE. **Mulheres ainda são poucas na direção de filmes**. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/cultura/mulheres-ainda-sao-poucas-na-direcao-de-filmes/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PAIVA Monteiro: **Lei Maria da Penha não é um privilégio**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2022-jun-07/paiva-monteiro-lei-maria-penha-nao-privilegio/>>. Acesso em: 08 jun. 2025.

PATRIMONIO.PT. **Cinema: um património desejável, mas não de todos**. Disponível em: <<https://www.patrimonio.pt/post/cinema-um-patrim%C3%B3nio-desej%C3%A1vel-mas-n%C3%A3o-de-todos>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PECINATO, Beatriz. **Cinema pode ajudar na reformulação de estereótipos atribuídos a mulheres**. Jornal da USP – Atualidades, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cinema-pode-ajudar-na-reformulacao-de-estereotipos-atribuidos-a-mulheres/>. Acesso em: 07 mar. 2025.

PINHAL, JOÃO. **A sexualização e objetificação de personagens femininas no cinema: uma visão**. Disponível em: <<https://comunidadeculturaearte.com/a-sexualizacao-e-objetificacao-de-personagens-femininas-no-cinema-uma-visao/>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PIRES, Maria & Silva, Sergio. (2014). **O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo**. Educação & Sociedade. 35. 607-616. 10.1590/S0101-73302014000200015. Acesso em: 04 abr. 2025.

Prefeitura de Santos. **A origem do teatro**. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.santos.sp.gov.br/?q=file/76814/download&token=BSWcPYAr>. Acesso em: 04 abr. 2025.

Principais ideias e obras de Simone de Beauvoir (explicadas). Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/simone-de-beauvoir/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

QUINELATO, Rosângela. **Como era a condição feminina na Grécia Antiga?** Disponível em: <<https://www.vestibulandoweb.com.br/historia/como-era-a-condicao-feminina-na-grecia-antiga/>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

QUINELLO, A. **O Brasil pelas lentes das novelas: do apogeu ao declínio de uma nação (e de uma arte)**. Disponível em: <<https://www.gazetavargasfgv.com/post/o-brasil-pelas-lentes-das-novelas-do-apogeu-ao-decl%C3%ADnio-de-uma-na%C3%A7%C3%A3o-e-de-uma-arte>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

RABELO, Sarah. **“Falta de representatividade nos cinemas contribui para manutenção de sistema hegemônico”**. Colab – Blog da FCA (PUC Minas), 02 jun. 2021. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/representatividade-nos-cinemas/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

RIBAS, Fernanda; PEREIRA, Bruno César. **Cinema, gênero e história: Representações do corpo e sexualização em Esquadrão Suicida**. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 320–337, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/25218>. Acesso em: 11 abr. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Cultura do estupro: o que a miscigenação tem a ver com isso?** *CartaCapital*, 08 jun. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cultura-do-estupro-o-que-a-miscigenacao-tem-a-ver-com-isso/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

RODRIGUES DE ALVARENGA, A. V. et al. **A representação das mulheres no cinema na frente e por trás das câmeras**. *ANL – Anais UniAcademia*, v. 4, n. 1, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/download/3351/2345>. Acesso em: 05 mar. 2025.

RODRIGUES, F. **Arlequina e a hiper-sexualização de personagens femininas (de novo)**. Disponível em: <<https://luisfilipers.medium.com/arlequina-e-a-hiper-sexualiza%C3%A7%C3%A3o-de-personagens-femininas-de-novo-1e3fe240f69>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RODRIGUESANAFLA. **A Favorita: o impacto das novelas para a cultura brasileira** | [jornalocasarao](http://jornalocasarao.com). Disponível em:

<<https://jornalocasarao.uff.br/2023/06/23/a-favorita-o-impacto-das-novelas-para-a-cultura-brasileira/>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. “**Violência de gênero no Brasil atual.**” Estudos Feministas, vol. 2, no. special, 1994, pp. 443-461. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24327190>. Acesso em: 23 mai. 2025.

SCORSESE, M. **O Cinema Político de Martin Scorsese.** Disponível em: <<https://temquever.com.br/martin-scorsese/>>. Acesso em: 04 abr. 2025.

SIGNUS INDÚSTRIA. **Vamos falar: machismo, você entende mesmo o que significa?** São Paulo, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www.signus.ind.br/news/artigo/vamos-falar-machismo-voce-entende-mesmo-o-que-significa>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, D. N. **Cinema brasileiro: surgimento, principais produções.** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/cultura/cinema-brasileiro.htm#Dia+do+Cinema+Brasileiro>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SILVA, S. G. DA. **Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. 3, p. 556–571, set. 2010. Acesso em: 29 mai. 2025.

SMIDERLE, Bianca. **Frankenstein, Mary Shelley.** Delirium Nerd, 08 mar. 2017. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2017/03/08/frankenstein-mary-shelley/>. Acesso em: 09 mai. 2025.

SUAREZ, J. **The Role of Media Representation in Shaping Gender Norms - EPALE - European Commission.** Disponível em: <https://epale.ec.europa.eu/en/private/gamingee/role-media-representation-shaping-gender-norms?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 16 jun. 2025.

TEATRO EM ESCALA. **Apenas homens podiam fazer Teatro.** 16 set. 2019. Disponível em: <https://teatroemescala.com/2019/09/16/apenas-homens-podiam-fazer-teatro/>. Acesso em: 04 abr. 2025.

TORRES, Carolina. **Quarta onda do feminismo: entenda as características do movimento feminista no século 21.** Politize!, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/quarta-onda-do-feminismo/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDF. **Tipos de violência na Lei Maria da Penha.** Brasília: TJDF, 2025. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/cidadania/nucleo-judiciario-da-mulher/o-nucleo-judiciario-da-mulher/tipos-de-violencia-na-lei-maria-da-penha/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

UESB. Que profissão é essa? **O cineasta como realizador audiovisual**. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 25 maio 2023. Disponível em: <https://www.uesb.br/noticias/que-profissao-e-essa-o-cineasta-como-realizador-audiovisual/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

VILA NOVA, Daniel. **Estudo descobre que protagonistas femininas aparecem em número recorde de filmes em 2024**. Terra – Entre Telas, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/filmes/estudo-descobre-que-protagonistas-femininas-aparecem-em-numero-recorde-de-filmes-em-2024,402a76c8ea86adedb434977396145bd1ktcf2d77.html>. Acesso em: 10

VILA NOVA, Daniel. **Homem branco ainda é o perfil dominante em Hollywood, segundo estudo**. Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/homem-branco-ainda-e-o-perfil-dominante-em-hollywood-segundo-estudo,e931be697815e20de8879030441fff9ebilw8yiq.html>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Vista do **A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES LATINAS NO CINEMA: REVISÃO SISTEMÁTICA**. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1438/703>. Acesso em: 13 jun. 2025.

Vista do **MULHERES EM CARGOS DE LIDERANÇA NO ESPORTE: ROMPENDO O TETO DE VIDRO OU PERCORRENDO O LABIRINTO?** Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/118131/65845>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WEB (HTTP://WWW.KGRNET.COM.BR), KGRNET S. **O cinema como ferramenta de impacto social** - InC | Instituto de Cinema | Cursos de Cinema e Atuação. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/o-cinema-como-ferramenta-de-impacto-social>. Acesso em: 27 jun. 2025.

WIKIPEDIA. **Symbolic annihilation**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Symbolic_annihilation#:~:text=Aniquila%C3%A7%C3%A3o%20simb%C3%B3lica%20%C3%A9%20um%20termo,de%20not%C3%ADcias%20e%20artes%20visuais.&text=Tuchman%20afirma%20no%20livro%20%22M%C3%ADdia,pap%C3%A9is%2C%20eles%20s%C3%A3o%20principalmente%20negativos. Acesso em: 10 jun. 2025.

Women are portrayed as objects of sexual desire and men as leaders in advertising in Latin America and the Caribbean, new research confirms. Disponível em: https://www.unicef.org/lac/en/press-releases/women-are-portrayed-as-objects-sexual-desire-and-men-are-leaders-in-advertising-in-latin-america-and-caribbean?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 16 jun. 2025.